

ANDREA BEATRIZ WOZNIAK GIMÉNEZ

**AS REPRESENTAÇÕES ANTICOMUNISTAS
NA GRANDE IMPRENSA CURITIBANA,
1961-1964**

Monografia apresentada para obtenção do título de Bacharel no Curso de História, Setor de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Napolitano

CURITIBA

1999

ANDREA BEATRIZ WOZNIAK GIMÉNEZ

**AS REPRESENTAÇÕES ANTICOMUNISTAS
NA GRANDE IMPRENSA CURITIBANA,
1961-1964**

Monografia apresentada para obtenção do título de Bacharel no Curso de História, Setor de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Napolitano

CURITIBA

1999

“Estamos na dança dos boatos. Mortes e ressurreições. Governos que caem e que sobem. Tropas que aderem e desaderem. A mesma notícia aparece com um, dois ou três sentidos. As quentes, geralmente aparecem sem sentido algum ou simplesmente desaparecem. Cumpre-nos alertar o povo. Não acreditem nos boatos. Se quiserem acreditar, pelo menos acreditem naqueles que forem a favor do povo”.

(Nos Bastidores, Correio do Paraná,
Curitiba, 02/04/64, p.3)

A minha *família*,
pelo carinho e paciência. Em especial
meu pai *Thadeus*,
quem despertou em mim a ansiedade por compreender o medo do vermelho,
e a minha *mãe Lidia*,
pela força e garra motivadoras.
Ao professor *Francisco Paz* por ter influenciado meu olhar
com relação à(s) H(h)istória(s).
Ao professor *Marcos Napolitano* por todo embasamento
teórico-metodológico e discussões afins.
A toda a equipe da *Divisão Paranaense* da Biblioteca Pública do Paraná.
Aos meus *colegas do curso de História* da UFPR,
com os quais sempre se pode refletir sobre as questões
humanas e sociais.
Também, muito especialmente,
ao *Gustavo*
por todo
amor,
companheirismo
e o doce
'devir'.

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	VI
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I	4
O ANTICOMUNISMO NO BRASIL	4
1.1 Anticomunismo: primeiros registros.....	5
1.2. Anticomunismo como doutrina.....	9
1.3 Anticomunismo e a Era Vargas.....	12
1.4 Anticomunismo, Guerra Fria e Anos 60.	18
1.5 Propaganda anticomunista e Governo Goulart.	21
CAPÍTULO II	27
A GRANDE IMPRENSA E AS REPRESENTAÇÕES ANTICOMUNISTAS,.....	27
1961-1964.	27
2.1 Correio do Paraná, Diário do Paraná e Última Hora: representações anticomunistas.	29
2.2 Representações da ‘Guerra Fria’, do ‘Comunismo Internacional’ e de seus aliados.	33
2.3 Entre a ‘República Melancia’, o “Comunismo Caboclo” e a “Ku-Klux-Klan Indígena”: as representações anticomunistas envolvendo a questão nacional-reformista da primeira metade da década de 60.....	38
CAPÍTULO III	49
AS REPRESENTAÇÕES ANTICOMUNISTAS E O GOLPE MILITAR CONTRA O GOVERNO GOULART.	49
3.1 Representações Anticomunistas e João Goulart.....	50
3.2 As representações do ‘Comício Pró Reformas de Base e das ‘Marchas com Deus pela Família e Liberdade’.....	54
3.3 As representações do Golpe Militar de 1.º de Abril.	61
CONCLUSÃO.....	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	ANTICOMUNISTA
ADEP	AÇÃO DEMOCRÁTICA PARLAMENTAR
AIB	AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA
ANL	ALIANÇA NACIONAL LIBERTADORA
AP	AÇÃO POPULAR
BOC	BLOCO OPERÁRIO CAMPONÊS
CAMDE	CAMPANHA DA MULHER DEMOCRÁTICA
CIA	CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY
CGT	COMANDO GERAL DOS TRABALHADORES
ESG	ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA
EUA	ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA
FJD	FRENTE JUVENIL DEMOCRÁTICA
FP	FRANCE PRESS
IBAD	INSTITUTO BRASILEIRO DE AÇÃO DEMOCRÁTICA
IPES	INSTITUTO DE PESQUISA E ESTUDOS SOCIAIS
ISEB	INSTITUTO SUPERIOR DE ESTUDOS BRASILEIROS
MAC	MOVIMENTO ANTICOMUNISTA
MSD	MOVIMENTO SINDICAL DEMOCRATA
OEA	ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS
ONU	ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS
PC	PARTIDO COMUNISTA
PCA	PARTIDO COMUNISTA ANARQUISTA
PCB	PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO
PC do B	PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL
PDC	PARTIDO DEMOCRATA CRISTÃO
PEI	POLÍTICA EXTERNA INDEPENDENTE
PRP	PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR
PSB	PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO
PSD	PARTIDO SOCIAL DEMOCRATA
PSP	PARTIDO SOCIAL PROGRESSISTA
PTB	PARTIDO TRABALHISTA BRASILEIRO

REDESTRAL	RESISTÊNCIA DEMOCRÁTICA DOS TRABALHADORES LIVRES
SUPRA	SUPERINTENDÊNCIA PRÓ REFORMA AGRÁRIA
TFP	TRADIÇÃO, FAMÍLIA E PROPRIEDADE
UDN	UNIÃO DEMOCRÁTICA NACIONAL
UNE	UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES
UPI	UNITED PRESS INTERNATIONAL
URSS	UNIÃO DAS REPÚBLICAS SOCIALISTAS SOVIÉTICAS

INTRODUÇÃO

O discurso nacional-reformista foi um dos pontos cruciais do Governo Goulart e de certos grupos sociais da primeira metade da década de 60. Este discurso foi rotulado de “*comunista*” por certos segmentos da sociedade na medida em que lhes representava uma ameaça a valores como “Deus, família, propriedade, liberdade e Pátria”.

A imprensa, grande catalizadora de representações da sociedade, colocou-se como um espaço privilegiado para embates entre reformistas e anti-reformistas, ou anticomunistas. Esta monografia teve como objeto central as representações do anticomunismo na imprensa entre 1961-1964. Buscou-se, em alguns jornais curitibanos, as imagens e discursos que envolveram o Governo Goulart e os grupos nacional-reformistas em evidência.

As fontes de análise foram os jornais *Correio do Paraná*¹, *Diário do Paraná*² e *Última Hora*³. O conceito de *representação* foi empregado para dar conta de compreender a relação anticomunismo/imprensa/Governo Goulart. “A imprensa, ao invés de espelho da realidade passou a ser concebida como espaço de representação do real, ou melhor, de momentos particulares da realidade. Sua existência é fruto de determinadas práticas sociais de uma época. A produção desse documento pressupõe um ato de poder no qual estão implícitas relações a serem desvendadas.”⁴

Entre os autores que embasaram a pesquisa, Marilena CHAUI⁵ e Gilberto VASCONCELLOS⁶, proporcionaram elementos para a identificação de algumas das raízes do pensamento anticomunista e de imagens geradoras de representações.

¹ O jornal *Correio do Paraná* era partidário da União Democrática Nacional (UDN). Seu apoio ao Governo Goulart encontrava-se definido por suas filiações político-ideológicas.

² O *Diário do Paraná* pertenceu ao grupo dos Diários Associados e estendeu seu apoio, principalmente à UDN e aos ex-integralistas, colocando-se na oposição ao Governo Goulart.

³ *Última Hora* era o jornal de Samuel Wainer, trabalhista desde a fundação durante o Governo Vargas. Encontrando-se disseminado em diversas sucursais no território brasileiro apoiava as teses nacional-reformistas e João Goulart.

⁴ CAPELATO, Maria H. R. *Imprensa e História do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1988, p.24-5.

⁵ CHAUI, Marilena. ‘Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira’. In: CHAUI, M; FRANCO, M.S.C. *Ideologia e Mobilização Popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

⁶ VASCONCELLOS, Gilberto. *Ideologia Curupira. Análise do Discurso Integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

Argelina C. FIGUEIREDO⁷, ampliou as possibilidades de análise sobre a crise do Governo Goulart e o Golpe Militar. Tendo colocado em xeque análises que entregavam relevância apenas à questão da conspiração, conseguiu-se, a partir da citada autora, legitimação para um trabalho sobre as representações anticomunistas encontradas na imprensa. Além destes, as análises de Maria H. CAPELATO⁸ colocaram-se como imprescindíveis para a compreensão dos mecanismos de funcionamento da imprensa e para estabelecer uma ponte entre esta e as representações simbólicas.

No primeiro capítulo realizou-se a contextualização do percurso do anticomunismo no Brasil. Tentou-se detectar as origens do pensamento anticomunista e as imagens-matriz geradoras de representações que, de alguma forma, foram reutilizadas pelo anticomunismo/anti-reformismo da década de 60.

No segundo capítulo buscou-se abordar as representações feitas sobre o desenvolvimento da Guerra Fria e do Comunismo Internacional, a atitude nacional-reformista dos grupos sociais em evidência na sociedade e do Governo Goulart. Tais categorias foram registradas em imagens e discursos de formas particulares pelos três jornais analisados. Os conjuntos de representações diferenciados produzidos por tais órgãos da imprensa curitibana colocam-se como espaços para a compreensão do imaginário político da época e dos diferentes projetos partidários e ideologias.

O último capítulo trata das representações anticomunistas relacionadas à crise do Governo Goulart e ao Golpe Militar de 1964. Buscou-se colocar em evidência as representações feitas sobre o presidente João Goulart, o 'Comício pró Reformas de Base', as 'Marchas com Deus pela Família e Liberdade' e o Golpe Militar.

⁷ FIGUEIREDO, Argelina C. Democracia ou reformas? alternativas democráticas à crise política: 1961-1964. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

⁸ CAPELATO, Maria H.R. Op.cit.

CAPÍTULO I

O ANTICOMUNISMO NO BRASIL

Pode-se dizer que o anticomunismo encontrou-se presente em grande parte do século XX, principalmente, após a Revolução Russa de outubro de 1917. Sua caracterização genérica coloca-o como oposição à ideologia e aos objetivos comunistas. No entanto, “o anticomunismo assumiu necessariamente valores bem mais profundos que o de uma simples oposição de princípios, contida, não obstante, na dialética política normal, tanto interna como internacional.”⁹

O anticomunismo, segundo Luciano BONET, caracteriza-se como um fenômeno complexo, ideológico e político ao mesmo tempo, explicável, à luz do contexto histórico, das condições de cada país, e das diversas origens ideais e políticas em que se inspira.¹⁰ Luciano BONET ressalta a existência de tipos básicos de anticomunismo: o clerical, o fascista, o nazista-hitleriano, o americano, o social e o democrático.

Quase todos estes tipos de anticomunismo também encontraram-se em circulação na sociedade brasileira. A possível ameaça a *Deus*, a *família*, a *Pátria*, a *liberdade* e a *propriedade* despertou manifestações anticomunistas em diversos momentos do século XX. Em grande medida, as manifestações de grupos não majoritários, como de segmentos trabalhadores, estudantes, grupos políticos considerados de oposição, serviram para impulsioná-las.

Assim, sob a bandeira do anticomunismo encontraram-se outros motivos, não apenas os de oposição ao comunismo real. Entre eles a prevenção ou o isolamento de possíveis movimentos de oposição aos padrões da sociedade, referentes genericamente ou não ao marxismo e às tradições comunistas. Exemplificando, segundo Marilena CHAÚÍ, no Brasil, se não houvesse a prática operária certamente também não haveria a representação ideológica do anticomunismo.¹¹

⁹ BONET, Luciano. ‘Anticomunismo’. In: BOBBIO, Norberto (ed.). Dicionário de política. 11.ed. Brasília: Unb, 1998, p.34.

¹⁰ Idem.

¹¹ CHAÚÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAÚÍ, M.; FRANCO, M. S.C. Ideologia e Mobilização Popular. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p.98.

1.1 Anticomunismo: primeiros registros.

Os principais ideais socialistas passaram a ser construídos e disseminados após a Revolução Francesa. Entre eles encontravam-se, principalmente, questionamentos aos valores vigentes na sociedade ocidental, de ordem libertária e igualitária, relacionados à busca pela inserção na sociedade de novos segmentos e categorias.¹²

No Brasil influências de correntes socialistas com seus ideais libertários se fizeram sentir desde meados da segunda metade do século XIX. Disseminadas através de segmentos da intelectualidade e, principalmente, nos meios de maior concentração de operários imigrantes, tais influências se concretizaram através da tentativa de algumas comunidades igualitárias¹³, do surgimento de inúmeros periódicos¹⁴ nos principais núcleos urbanos do país e da fundação de ligas, uniões e novos partidos políticos de pretensão operária de cunho socialista.¹⁵ Tais manifestações, mesmo com continuidades efêmeras, auxiliam na compreensão do movimento operário brasileiro e decorrentes que o circundaram.

A partir de meados de 1870 as inspirações, que até então provinham de Owen, Fourier¹⁶ e Saint-Simon¹⁷, passaram a refletir Bakunin¹⁸, Marx e Engels¹⁹.

¹² Para maiores detalhes sobre socialismo ver BOBBIO, N. Op. cit., p.1196-1202.

¹³ Como exemplos destas comunidades pode-se citar, entre outras, a *comunidade igualitária*, do francês Benoit-Jules Mure, um seguidor de Charles Fourier, em São Francisco do Sul, Santa Catarina, entre 1842-1843; e a *Colônia Cecília* fundada por anarquistas no interior do Estado do Paraná, na segunda metade do século XIX.

¹⁴ Exemplos de tais periódicos: *O Socialista da Província do Rio de Janeiro* (1845); *O Jornal do Povo*, Rio de Janeiro (1866); *O Operário*, São Paulo (1868, 1889); *Revolução*, Rio de Janeiro (1876, 1889); *O Internacional Socialista*, Salvador (1878); *O Tribuna Socialista*, Pelotas (1878); *O Primeiro de Maio*, São Paulo (1891, 1895); *União Operária*, Recife (1905); *O Proletário*, Rio Grande do Sul (1904); *O Socialista*, Paraisópolis-MG (1885/1888); *Il Diritto*, Curitiba (1889); *Spartacus*, Rio de Janeiro (1919).

¹⁵ Como exemplo destas organizações: *Liga dos Tecelões*, Recife (meados de 1850); *Partido Operário*, Rio de Janeiro e Fortaleza (1890); Centro Operário Radical, Rio de Janeiro (1894); Partido Socialista do Rio Grande do Sul (1897); *Centro das Classes Operárias*, Rio de Janeiro (1902); *União Beneficente dos Trabalhadores em Veículos*, São Paulo (1903); *Associação de Resistência dos Cocheiros, Carroceiros e Classes Anexas*, Rio de Janeiro (1906), etc.

¹⁶ Owen (1771-1858) e Fourier (1772-1837), tinham como ideal as “novas comunidades harmoniosas, fundadas na cooperação e na fraterna união de seus componentes”. BOBBIO. Op.cit., p.207.

¹⁷ Em Saint-Simon encontrava-se a conjugação dos ideais comunistas e socialistas quanto à organização industrial do mundo moderno. Seus seguidores refletiram sobre a *exploração do homem pelo homem*, sobre a terra e o capital como instrumentos de trabalho e dos produtores. Idem, p.208-9.

¹⁸ Bakunin coloca-se como expoente do movimento anarquista que “atribuía ao homem e à coletividade o direito de usufruir toda a liberdade, sem limitação de normas, de espaço e de tempo, fora dos limites existenciais do próprio indivíduo”. Ibidem, p.23.

Vários foram os manifestos, as greves e as tentativas de congressos operários apontando reivindicações da classe trabalhadora²⁰. Estes ainda não possuíam nítida distinção teórica, baseando-se em ideais libertários disseminados pelas diferentes correntes. No entanto, até quase a segunda década do século XX, a influência anarquista foi a que mais se fez sentir no Brasil²¹.

Foi através das greves do final da década de 10 que os movimentos passaram a melhor definir suas bases teóricas, analisando as contradições entre as correntes anarquista e marxista. Assim, vários foram os grupos que buscaram se reorganizar tentando orientar-se dentro dos princípios do marxismo-leninismo.

A Revolução Russa de 1917 colocou-se como uma nova fonte inspiradora nos movimentos operários mundiais e socialistas.²² Data de meados do final da Primeira Guerra Mundial a difusão do marxismo-leninismo no Brasil²³. Além disso, 1919 foi um dos anos de maior número de greves, principalmente em São Paulo, com um misto de orientações anarquistas e socialistas²⁴. Tais greves refletiam o aumento do custo de vida, o agravamento da situação do proletariado e os levantes populares ocorridos na Europa.

Em Marx, o conceito de revolução foi anunciado, não apenas como instrumento para a conquista da liberdade, identificada com o fim da exploração do homem pelo homem, e, assim, como possibilidade de vencer a pobreza, mas também como meio para a igualdade.²⁵ Assim, o termo *revolução* despontou como

¹⁹ Marx (1818-1883) e Engels (1820-1895) foram os importantes teóricos da concepção comunista-marxista, refletindo sobre a organização industrial do mundo moderno e que acabaram por influenciar profundamente o pensamento do século XX.

²⁰ Entre as reivindicações constantes na maioria dos manifestos e congressos ocorridos nas últimas décadas do século XIX encontravam-se: leis protetoras do trabalho para todos, inclusive mulheres e crianças; fixação do máximo de horas de trabalho e de salários mínimos; criação de caixas-pensão para idosos e impossibilitados; liberdade para as greves; e, em algumas, abolição de privilégios aos particulares e modificação do regime da propriedade, etc.

²¹ Para informações mais detalhadas sobre os anarquistas e as greves das primeiras duas décadas do século XX ver: PACHECO, E. O partido comunista brasileiro (1922-1964). São Paulo: Alfa-Omega, 1984.

²² Sobre as influências da Revolução Russa no Brasil ver: BANDEIRA, Moniz et all. O ano vermelho: a revolução russa e seus reflexos no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

²³ Segundo Leandro KONDER, as leituras propriamente de Marx no Brasil foram bastante influenciadas pelas leituras leninistas e/ou stalinistas do marxismo. In: MARIANI, B. O PCB e a Imprensa. Os comunistas no imaginário dos jornais 1922-1989. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Unicamp, 1998.

²⁴ E. PACHECO denomina tais orientações de anarco-comunistas. PACHECO, E. Op.cit.

²⁵ PASQUINO, G. 'Revolução'. In: BOBBIO, N. Op. cit., p.1123. O artífice da revolução, para Marx, era o homem produtor alienado e frustrado em busca do desenvolvimento pleno de suas potencialidades.

panacéia para os males de qualquer sociedade, atuando como símbolo poderoso e como estímulo para a vitória sobre a opressão e sobre a escassez de recursos²⁶.

No entanto, foi Lenin quem reformulou a situação revolucionária acentuando seus elementos políticos. O marxismo-leninismo foi “a interpretação teórico-prática do marxismo em chave revolucionária, elaborada por Lenin num e para um país atrasado industrialmente, como a Rússia, onde os camponeses representavam a enorme maioria da população”²⁷. Desta maneira, o mito da revolução estendeu-se colocando-se como possibilidade tanto para o proletariado quanto para os camponeses das diferentes partes do mundo.²⁸

O termo comunista, sintetizando todos os matizes do socialismo, passou a ser utilizado somente após a Revolução Russa, e era adotado indiscriminadamente por anarquistas ou marxistas nos movimentos operários, colocando-se como sinônimo de revolucionário. Desta maneira que o primeiro Partido Comunista que se tem menção no Brasil foi o *Partido Comunista Anarquista* do Rio de Janeiro, em 1919²⁹.

Somente em 1922, a partir do Grupo Comunista do Rio de Janeiro, formou-se um Partido Comunista Brasileiro. Este possuía bases teóricas mais homogêneas, provindas dos estatutos do Partido Comunista de Moscou³⁰, e passou a aglutinar outros núcleos marxistas do país numa única direção nacional.

As notícias vindas das repercussões e reflexos da Revolução Russa, aliadas ao avanço das agitações e reivindicações de trabalhadores em várias cidades brasileiras, foram causas de preocupações e colaboraram para que o temor das elites crescesse. A repressão ao movimento operário no Brasil iniciou-se tão cedo este começou a mostrar-se evidente. Desde o fechamento das agremiações de trabalhadores até, principalmente após os anos de 1918-19, ameaças de

²⁶ Idem, p.1124.

²⁷ SETTEMBRINI, Domenico. ‘Leninismo’. Idem, p.679.

²⁸ Para uma abordagem detalhada sobre a Revolução Russa e suas influências mundiais ver: HOBBSBAWN, E. *Era dos Extremos*, O breve século XX (1914-1991). 2.^a edição. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

²⁹ O Partido Comunista Brasileiro Anarquista não era favorável aos moldes de rígidas estruturas e estatutos dos Partidos Comunistas ligados a Moscou. Suas bases eram mais anarquistas. Entre seus fundadores estava Edgard Leuenroth, um dos expoentes anarquistas do Brasil.

³⁰ Após a Revolução Russa, na continuidade do movimento em voga no século XIX, que acreditava na solidariedade internacional entre os trabalhadores dos diversos países, vários partidos e grupos políticos relacionados aos trabalhadores estreitaram relações com o *partido mundial da revolução* de núcleo base em Moscou. Através da Terceira Internacional, ou Internacional Comunista, organizada em 1919, gestava-se e organizava-se um projeto que tinha por meta desenvolver a revolução proletária em outros países auxiliando os grupos correligionários.

extradições e listas de *indesejáveis*, compostas de operários e, até mesmo, simpatizantes com a causa operária.

A palavra *comunismo* passou também a possuir uma conotação pejorativa, significando para certos segmentos qualquer tentativa de ruptura com os princípios formadores da sociedade. Entre eles os *valores cristãos*³¹, propiciadores de imagens-matrizes que foram recorrentes nas representações anticomunistas em momentos posteriores da história brasileira. Através de Ruy BARBOSA³² pode-se sentir tal conotação:

O Comunismo não é fraternidade: é a invasão do ódio entre as classes. Não é a reconciliação dos homens: é a sua exterminação mútua. Não arvora a bandeira do evangelho: bane a Deus das almas e das reivindicações do povo. Não dá tréguas à ordem. Não conhece a liberdade cristã. Dissolveria a sociedade. Extinguiria a religião. Desumanizaria a humanidade. Everteria, subverteria, inverteria a obra do Criador.³³

Esta forma de conceber o comunismo, como desintegrador dos padrões conhecidos, foi recorrente em outros momentos da história brasileira. A prática do anticomunismo foi, aos poucos, tornando-se vigente, implicando não necessariamente na luta contra o comunismo em si, mas sim contra os aspectos ameaçadores para a sociedade e os interesses de classe.

Até o final da década de 20 os comunistas não apareceram retratados na grande imprensa brasileira como uma ameaça. No entanto, como coloca Bethania MARIANI³⁴, alguns jornais já projetavam os incipientes comunistas brasileiros como inimigos, tal como o tema vinha sendo retratado pelo imaginário europeu.

Não se delimitava uma fronteira nítida entre o comunismo e o anarquismo em termos político-ideológicos. Ambos eram combatidos porque representavam políticas de transformações radicais e violentas. Desta maneira, preenchiam o lugar do “inimigo social” porque também eram contrapostos à República e à Democracia.

³¹ Segundo Bethania MARIANI, o Concílio do Vaticano I, de 1870, pode ser considerado o fundador de uma discursividade negativizada sobre o socialismo e o comunismo. Op.cit., p. 231.

³² Ruy Barbosa (1849-1923) foi político e jurista brasileiro. Com a proclamação da República, tornou-se Ministro da Fazenda, ocupando o cargo até a queda do ministério, em 1891, quando elegeu-se Senador.

³³ BARBOSA, Ruy. Apud DUARTE, Luiz V. Evolução do comunismo no Brasil. Olinda, PE: [s/n], 1989.

³⁴ MARIANI, B. Op.cit., p.143.

1.2. Anticomunismo como doutrina

“O peso das tendências espiritualizantes, de fundo católico ou não, já se ensinua com o modernismo, principalmente a partir de 1924.”³⁵ Contendo forte antiliberalismo e antisocialismo, influenciaram parte da intelectualidade dos anos 20 e 30. Jackson de Figueiredo, fundador do movimento católico Centro D. Vital, em 1919, pode ser citado como uma das bases do pensamento autoritário brasileiro. Suas influências aparecem desde o Integralismo até o Integrismo, ou Catolicismo Integral dos anos 60. Entre suas características encontravam-se: repúdio ao liberalismo e ao socialismo, idolatria pela autoridade, elitismo, ódio moralista ao corpo, ascetismo heróico fascista e a defesa do corporativismo.³⁶

Partindo de tais influências os intelectuais liberais ou conservadores das décadas de 20 e 30, em meio as suas propostas idealistas para a organização do país, repudiavam o marxismo e negavam a teoria da luta de classe, acreditando na falência moral do país e pregando a “revolução interior” para revertê-la. Tanto nos integralistas quanto nos participantes da *Jeunesse Dorée*³⁷, entre outras tendências, pode-se encontrar o anticomunismo entre suas características, propondo a erradicação dos males da sociedade sem transformações de sua infra-estrutura. Reduziam as questões sociais a problemas de ordem moral, que seriam resolvidos através de soluções reformistas e regeneradoras da sociedade.

O Integralismo, constituiu-se numa corrente de tradição intelectual autoritária que se projetou na sociedade a partir da década de 30. Entre as suas características estavam o nacionalismo, o elitismo, a base cristã ou espiritual, o repúdio ao marxismo, o antiliberalismo, a negação da teoria da luta de classes, o idealismo espiritualizante, a crença no poder regenerador da cultura, a paixão pelos líderes totalitários, etc. Pode ser caracterizado como uma forma mimética dos fascismos europeus, porém com adaptações culturais.

Os integralistas sustentavam-se sobre os pilares Deus, família e nacionalidade. Estes surgidos do trinômio natural-real-nacional, embasavam a refutação de aspectos considerados artificiais-legais-estrangeiros. Legitimavam-se

³⁵ VASCONCELLOS, G. *Ideologia curupira*: análise do discurso integralista. São Paulo: Brasiliense, 1979, p.33.

³⁶ Idem, p.37.

³⁷ A *Jeunesse Dorée* (Juventude dourada) tinha entre seus integrantes Guerreiro Ramos, Tristão de Athayde, Otávio de Faria e Afonso Arinos de Mello Franco. Tais intelectuais, mesmo olhando com simpatia para a Doutrina Sigma, não chegaram a afiliarem-se ao Integralismo.

na expectativa de apontar os erros do liberalismo e os perigos do comunismo. Colocava-se, assim, entre suas questões de importância, “*salvar o Brasil das orgias democráticas e dos bacanais comunistas*”, segundo Gustavo BARROSO³⁸, um dos integrantes.

Além disso, para os integralistas colocava-se como imprescindível o combate ao “socialismo marxista-leninista”, considerado fonte do “bolchevismo”:

Para combater o bolchevismo, porém, é preciso combater sua fonte: o socialismo marxista-leninista, pois este tem as seguintes pretensões: 1) internacionalizar o proletariado, destruindo a pátria; 2) propalar idéias materialistas, para destruir a família e a religião; 3) facilitar o desenvolvimento da luta de classes; 4) combater a inteligência, a cultura, os padrões morais e tradicionais que constituem tremendo obstáculo à marcha dialética dos embates classistas.³⁹

Desta maneira é que se compreende o anticomunismo, grande característica desta corrente de pensamento, e percebe-se outras representações anticomunistas geradoras. Para eles, segundo Plínio SALGADO, combater o comunismo implicava em “combater, em primeiro lugar, o *materialismo*, o *ateísmo*, o *sensualismo*, a *grosseria dos sentimentos*, a *expansão desenfreada dos instintos*”.⁴⁰ Todos estes aspectos extremamente ligados aos pilares integralistas. “Se o lema *Deus, Pátria e Família* alimenta o catolicismo dos militantes e explica seu moralismo na crítica da democracia liberal que destrói os valores sagrados, esse lema também sustenta a atitude anticomunista, na medida em que marxismo, socialismo, bolchevismo e comunismo, sendo *materialistas*, são ateus, internacionalistas e destruidores do núcleo familiar.”⁴¹

O discurso integralista trabalhava com imagens muito mais do que com conceitos. A fabricação que realizaram da imagem do comunismo estava ligada a dualidade bem/mal, onde este sempre aparecia vinculado à *imagem do mal*, do *anti-cristo*, da *delação*, do *apocalipse*, da *animalidade*, da *violência*, da *aberração* ou através de *patologias*. A imagem surgia como persuasiva, como se pode notar nesta citação de WENCESLAU JUNIOR, outro dos integralistas:

³⁸ BARROSO, Gustavo. ‘A palavra e o pensamento integralista’. Rio de Janeiro: Civilização, 1935. apud VASCONCELLOS. Op. cit., p.30.

³⁹ SALGADO, Plínio. ‘Notas sumárias sobre a vida brasileira’. [n/c]. apud CHAUÍ. Op. cit., p.142.

⁴⁰ SALGADO, Plínio. ‘Madrugada do espírito’. São Paulo: Guanumky, 1946, p.140. apud VASCONCELLOS. Op.cit., p.30. Plínio Salgado foi um dos principais líderes do Integralismo, tendo dado continuidade a certas bases de tal discurso na década de 60.

O comunismo é uma porção de homens que também querem tomar conta do governo do Brasil para judiar de seus pais e desrespeitar a sua mãe e as suas irmãs. Se o comunismo vencer, você não será mais de seu pai. Pertencerá ao governo. Não morará com seu pai e sua mãe. O comunismo acabará com a tua família.⁴²

No entanto, como levanta Marilena CHAÚÍ, a tônica anticomunista dos ataques integralistas não visava, necessariamente, o Partido Comunista e seus integrantes, “pois nunca é demais lembrar que o termo comunista no Brasil, não tem um sentido preciso, mas possui um amplo espectro de significações, todas elas porém, convergindo para a imagem de subversão e destruição da ordem vigente por agitadores que usam as insatisfações dos pobres para levá-los à revolta.”⁴³ Além disso, as práticas operárias e suas correlações colocaram-se como um todo homogêneo para a representação do perigo comunista, a partir do momento que ameaçavam os interesses das classes dirigentes.

O anticomunismo nos integralistas pode ter surgido mais como um mimetismo face aos movimentos fascistas europeus, do que a partir de uma clara percepção de uma ameaça comunista interna. Entretanto, Marilena CHAÚÍ ressalta que também pode dizer respeito à visão que a classe média⁴⁴, principal visada pelo discurso integralista, possuía do Estado como coisa pública.

Estas correntes de pensamento de ordem liberal ou conservadora com discurso autoritário, principalmente a Integralista, passaram a crescer a partir do final da década de 20. Neste mesmo momento, o Partido Comunista Brasileiro, já filiado à III Internacional, também passou a imprimir maior cunho em suas atividades no país. A elite brasileira, liberal ou conservadora, passou, cada vez mais, a relacionar comunismo/comunista/PCB (e outras variações semânticas) com a ruptura dos “padrões ocidentais-cristãos” da sociedade, que identificavam com a *vocação material* do Brasil, e com a classe operária e suas reivindicações.

⁴¹ CHAÚÍ. Op.cit., p.76.

⁴² WENCESLAU JUNIOR. ‘O integralismo ao alcance de todos’. Minas: Sociedade Impressora Brasileira, 1936. apud CHAÚÍ. Op.cit., p.98.

⁴³ CHAÚÍ. Op.cit., p.96.

⁴⁴ Para os integralistas a classe média urbana seria a portadora da idéia revolucionária, pois era de composição ideológica heterogênea, despossuída economicamente e tinha medo da proletarização e desejo de ascensão. Dentro dela estavam, principalmente, os funcionários públicos, os militares, os intelectuais e os profissionais liberais.

Maria Helena CAPELATO⁴⁵ levanta que os representantes da imprensa no período de 1920 a 1945 consideravam-se plena expressão da “*elite pensante*”. Apresentavam a imprensa como a expressão dos altos valores eternos e universais. Anunciavam-na como defensora da verdade e intérprete da opinião pública, sendo ela apolítica, apartidária e impessoal.

Tais jornalistas, vinculados à concepção liberal, entregavam à imprensa uma missão pedagógica relacionada, principalmente, ao domínio social e ao progresso material capitalista. Tinham por objetivo preparar o “*povo inculto*” para o desempenho de suas atividades cívicas (o voto) e impedir que as massas se rebelassem pondo em risco a propriedade, a hierarquia e a ordem social. Para isto desenvolviam um discurso enfático sobre o espírito de ordem e respeito.⁴⁶

A partir do final da década de 20, o tema comunismo ganhou maior visibilidade. Os jornais, imersos em valores liberais ou conservadores e temerosos das manifestações operárias ou da massa, passaram a retratar os comunistas como “*maus cidadãos*” e “*inimigos da Pátria*”. Outras representações anticomunistas nos jornais neste período eram: “*ditadura vermelha*”, “*praga sinistra*”, “*polvo comunista*”, “*comunismo russo*”, “*fantasia econômica delirante*”, etc.⁴⁷

1.3 Anticomunismo e a Era Vargas.

As características das tendências espiritualizantes e autoritárias também surtiram forte influência na política nacional a partir dos anos 30. Entre as metas de Getúlio Vargas⁴⁸, articulador de aspirações de militares e de outros segmentos da elite nacional, encontrava-se remodelar o Brasil através da industrialização e da disciplinarização da população civil. Para isto, colaborou o suporte de ideólogos

⁴⁵ CAPELATO, M.H.R. Os arautos do liberalismo. Imprensa paulista 1920-1945. São Paulo: Brasiliense, 1989.

⁴⁶ _____.'O Controle da Opinião e os Limites da Liberdade: Imprensa Paulista (1920-1945).' In: Revista Brasileira de História. v.12. n.23/24. São Paulo: Marco Zero, set.91/ago.92, p.62.

⁴⁷ MARIANI, Bethania. Op. cit., p.124-29.

⁴⁸ Getúlio Vargas alcançou o poder em 1930, através de um golpe que pôs fim a Primeira República Brasileira (1889-1930), a qual se caracterizou por um federalismo extremado dominado pelos interesses rurais dos estados de São Paulo e Minas Gerais. Vargas tornou-se presidente provisório de um governo constitucional (1930-1937) e depois ditador num regime autoritário conhecido por Estado Novo ou Ditadura Estadonovista (1937-1940). WOLFE, Joel. 'Pai dos pobres' ou 'Mãe dos ricos'?: Getúlio Vargas, industriários e construções de classe, sexo e populismo em São Paulo, 1930-1954. In: Revista Brasileira de História. vol.14. n.24. São Paulo: Marco Zero, 1994, p.27-8.

nacionalistas⁴⁹ onde seus escritos combinavam teorias racistas, fascistas e católicas sobre o estado e o desenvolvimento nacional.⁵⁰

O discurso varguista do período autoritário, propalava a centralização do país nas mãos estatais como maneira de lutar contra a “*subversão estrangeira*”, ajudar na industrialização do país e prover a todos de uma *real justiça social*.⁵¹ Conclamava, assim, o espírito de *colaboração entre as classes*, buscando, desta maneira, precaver-se contra a luta de classes aberta.

Cabia a ele a condução das transações entre os trabalhadores com os industriais e o Estado. Legitimava-se, para tal ato, no discurso de que os trabalhadores necessitavam da tutela estatal para participarem da sociedade civil. Colocava os sindicatos e a legislação social⁵² como auxiliares na luta pela justiça trabalhista.⁵³

O Partido Comunista Brasileiro também buscava para si a legitimação de representar os interesses dos trabalhadores. O PCB encontrava-se ativo no meio operário, desde grandes manifestações do 1.º de maio⁵⁴, como a de 1926; do retorno de jornais como *A Nação*⁵⁵ e a *Plebe*, em 1927; da constituição do Bloco Operário Camponês, em 1928; até mesmo tentativas de criação da Central Geral dos Trabalhadores, em 1929. Nem mesmo a *Lei Celerada*, de agosto de 1927, visando combater a subversão, deixando o partido na semiclandestinidadade, abalou suas estruturas. Seus jornais tiveram que ser novamente fechados, mas suas atividades recontinuaram.

Foi o clima de efervescência operária que motivou todas as tentativas oficiais de organização de uma legislação para o trabalho no Brasil, em especial na década de 30, como meio de apaziguar e controlar o operariado. Nas palavras de Lindolfo COLLOR, ministro do trabalho do governo Vargas, proferidas numa reunião com

⁴⁹ Entre eles estavam estudos realizados por: Francisco Campos, Antonio José Azevedo Amaral, Francisco de Oliveira Viana, etc.

⁵⁰ WOLFE, J. Op.cit., p.34. Muitas destas idéias não foram além do planejamento, mas Vargas e seus aliados militares e industriais utilizaram-nas para enquadrar o país numa moldura corporativista.

⁵¹ Idem, p.33.

⁵² As Leis Trabalhistas (CLT) foram consolidadas em 1943.

⁵³ As classes populares eram vistas mais como receptoras do que como participantes da política nacional. Trabalhos como o de WOLFE, já referenciado, colaboram para desmistificar as atitudes dos trabalhadores frente à política de Vargas, demonstrando como estes, a partir do próprio discurso trabalhista, interpretavam e reformulavam as ideologias e práticas de Getúlio.

⁵⁴ A esta data se fazia alusão à Execução dos líderes anarquistas em Chicago em 1886 e se realizavam grandes manifestações operárias reivindicatórias.

⁵⁵ O lema de *A Nação* de 1927 era um verso da Internacional: “Não há direitos para o pobre, ao rico tudo é permitido”; além disso trazia na sua primeira página a foice e o martelo.

industriais, em abril de 1931, pode-se perceber a confluência de significados, os medos com relação à classe operária e a imposição de soluções autoritárias para as questões sociais em evidência:

Ou aceitam (os operários) a ação do Ministério do Trabalho, que traz uma mentalidade nova, de corporação, ou se consideram dentro de uma questão de polícia, no sentido do antigo governo. Ou abandonam a mentalidade bolchevista e subversiva, ou se integram no corpo social a que pertencem. (...) as classes operárias estão sendo fomentadas por elementos subversivos - comunistas, para dizer a palavra perigosa - notei, não há a menor dúvida.⁵⁶

A partir de 1934 a trajetória do Partido Comunista Brasileiro passou a confundir-se, em grande parte, com a de Luís Carlos Prestes, o *Cavaleiro da Esperança*⁵⁷. De tenente na década de 20, Prestes foi influenciado pelo marxismo e aceito, no início da década de 30, pelo Partido Comunista, onde tornou-se um de seus principais líderes durante mais de meio século.

Representando, para certos segmentos opositoristas da sociedade, a possibilidade de transformação da República, Prestes liderou a chamada Intentona Comunista em 1935⁵⁸. Este movimento possuiu cunho nacionalista e anti-imperialista, propalando-se libertador em prol da “salvação nacional”. Integraram-no tenentes desgostosos com os rumos que a *Revolução de 30* havia tomado, membros do PCB e da Aliança Nacional Libertadora (ANL), uma aliança supra-partidária também de oposição ao governo instalado.

A figura de Prestes⁵⁹, para segmentos da sociedade, já significava um mito em 1935. Ele era o *Cavaleiro da Esperança* que havia percorrido o Brasil; era o *líder dos tenentes revolucionários*. Várias histórias fantásticas eram contadas retratando-no em seus feitos na *Coluna Invicta*.

⁵⁶ COLLOR, Lindolfo. apud CHAUÍ. Op.cit., p.87. Em 1931 também se instaurou a lei da sindicalização. Através do peleguismo, do sindicato único, colocava-se como palavra de ordem a *colaboração entre as classes*, acabava-se com o direito à greve e a participação de operários estrangeiros com suas experiências políticas.

⁵⁷ Luís Carlos Prestes liderou a *Coluna Prestes*, assim nominada a posteriori. Também chamado de *Coluna Invicta*, este foi um movimento político-militar de origem tenentista, que entre 1925-1927 se deslocou pelo interior do país, pregando reformas políticas e sociais e combatendo o governo do presidente Arthur Bernardes.

⁵⁸ Para maiores informações sobre a Intentona Comunista ver: VIANNA, Marly de Almeida G. *Revolucionários de 35: sonho e realidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

⁵⁹ Para mais detalhes sobre Luís Carlos Prestes e suas atuações tanto na ‘Coluna Invicta’ quanto na ‘Intentona Comunista’ ver: AMADO, Jorge. *O cavaleiro da esperança*. 20 ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1979.

Assim, o discurso oposicionista de Prestes, aliado ao mito do *herói libertador*, construído durante os anos da Coluna, e a heterogeneidade dos participantes na Intentona Comunista, colaboraram para o crescimento do receio ao comunismo, por parte da elite dirigente do país. Mesmo fracassada, pois o Governo Vargas usou-se de grande força repressiva⁶⁰, a Intentona possibilitou a evidência da *ameaça comunista concreta* e de um partido comunista nacional organizado e com possibilidades de ascensão.

Os integralistas estabeleceram parentesco entre a Intentona e a Revolução Russa de 1917, reforçando a imagem da revolução de maneira negativa. Também propalavam a necessidade da *Revolução cultural e espiritual* para conter a *revolução comunista*. A Ação Integralista Brasileira (AIB), foi composta também na década de 30, colocando-se, segundo seus membros, como o único partido político capaz de fazer frente ao *bolchevismo*.

Mesmo a Aliança Nacional Libertadora⁶¹ (ANL), que possuía um programa nacionalista e anti-imperialista, nacionalizador da economia e defensor das liberdades pessoais e de um governo popular de frente única, defendendo a pequena propriedade, conseguiu fugir à rotulação integralista de ser comunista. Segundo Marilena CHAUI, não havia nada em seu programa que lhe desse cunho revolucionário ou comunista. No entanto, foi caracterizada dentro das representações que a classe média possuía de um movimento oposicionista.

Em meio às diversas visões autoritárias da vida política e partidária, a Intentona Comunista colocou-se como um pretexto para a instalação da Lei de Segurança Nacional e para o próprio desfecho com o Estado Novo: sustentou um discurso anticomunista e desencadeou um arsenal repressivo. Tendo no *Comunismo*, a encarnação do mal - o inimigo - Getúlio Vargas conseguiu mobilizar em torno de suas propostas autoritárias de reformulação da sociedade, de forma coesa, os diferentes setores e instituições da sociedade.

Anticomunismo/Revolução apareciam como pilares do edifício totalitário ao lado do trabalho, da pátria e da moral. "Ordem, família, pátria, moral, trabalho, propriedade, autoridade e obediência são temas que confluem para o objetivo da

⁶⁰ Para mais informação sobre as atitudes do Governo Vargas frente a Intentona Comunista ver: VIANNA, Marly de Almeida G. Revolucionários de 35: sonho e realidade. Op.cit. e AMADO, Jorge. O cavaleiro da esperança. Op. cit.

preservação da ordem social, para o saneamento da sociedade, para reforçar os poderes da família, da Igreja, do Estado, da polícia, dos empresários.”⁶²

Diversos mecanismos de controle em todos os âmbitos, dispositivos mentais e materiais foram instituídos na prática cotidiana do Estado Novo e camuflados sob o *perigo comunista*. Desta mesma maneira, que, junto do pilar anticomunismo/revolução, apareciam, como elementos de escolha, os pares: ordem/desordem, hierarquia/subversão, bem/mal, barbárie/civilização, saúde/doença, razão/loucura e liberdade/escravidão.

Ao redor da dissimulação do “perigo comunista” construiu-se a ameaça de despedaçamento, levando à necessidade de vínculo identitário. A inserção de imaginários anticomunistas levou a coesão dos diferentes grupos sociais ao redor do “*grande salvador*”, o Estado, e seu projeto de sociedade. “Ao projetar o mal (mau) identificam-se nele todas as ameaças da decomposição, do esfacelamento social e defendem-se instituições que garantam a identidade e protejam da decomposição a Pátria, a propriedade, a família, a autoridade, a civilização, o Cristianismo, a Moral.”⁶³

A repressão que se iniciou no país durante o Estado Novo (1937-45) encaminhou-se dentro da retórica do medo: violências, perseguições, torturas, prisões, etc. As atenções visavam desde aliancistas (Aliança Nacional Libertadora), intelectuais, comunistas, simples suspeitos ou adversários em geral do governo; até mesmo os integrantes da Ação Integralista Brasileira (AIB).

Assim, a partir da década de 30, a ameaça comunista não colocou-se no imaginário apenas como um sonho maldito ou uma promessa de futuro caótico. Além de tornar-se mundialmente permanente, pois o regime político russo já se encontrava estabilizado após mais de dez anos da Revolução de 1917, mostrou-se internamente perigosa a partir dos efeitos fantásticos causados por movimentos como a chamada Intentona Comunista de 1935.

Bethania MARIANI afirma que foi após este momento, principalmente entre 1937-39, que, na grande imprensa, se fundamentou o sentido negativizado sobre

⁶¹ Faziam parte da Aliança Nacional Libertadora desde jovens oficiais dissidentes do movimento tenentista, católicos progressistas, comunistas, socialistas e outras correntes consideradas de esquerda, principalmente da pequena burguesia.

⁶² DUTRA, Eliana R. de F. ‘O fantasma do outro: espectros totalitários na cena política brasileira dos anos 30’. In: *Revista Brasileira de História*. v.12. n.23/24. São Paulo: Anpuh, set. 1991 - ago.1992, p.126.

⁶³ Idem, p.136.

comunismo. Esta passou a representá-lo como uma doutrina ou ideologia perigosa para o Brasil em várias reportagens ou comentários políticos. Através das representações anticomunistas fixava-se no comunismo a síntese “*do mal estar da civilização brasileira*”.

A Intentona Comunista colaborou para o reforço à negativização nos jornais através de sua reatualização pela fabulação.⁶⁴ As longas narrativas sobre os comunistas foram retransmitidas ininterruptamente fortalecendo a negativização e cristalizando-a na memória.⁶⁵

Organizou-se uma representação social do comunismo como um “futuro indesejável”. O discurso anticomunista clamava tanto pela prevenção contra a “ameaça vermelha” no futuro, quanto reavivava os dizeres negativizados já-ditos sobre o passado.

O imaginário anticomunista despertado por eventos como a Intentona Comunista⁶⁶ facilitou, até mesmo na imprensa liberal, a aceitação da censura, através da Lei de Segurança Nacional⁶⁷. Periódicos como os Diários Associados⁶⁸ e o Estado de São Paulo⁶⁹, abriram mão da liberdade de imprensa ajudando a fortalecer o poder do governo Vargas. Preferiram ser vítimas da tirania do poder do que da tirania das massas.⁷⁰

Durante o Estado Novo, 1937-1945, o jornal desempenhou sua função atrelada ao Estado. Os jornalistas transformaram-se em instrumentos do poder público divulgando as atividades, virtudes e qualidades do chefe e seus auxiliares. A tarefa da imprensa, principalmente estava na divulgação dos atos do governo e na manutenção da unidade brasileira.

⁶⁴ O fabuloso, coloca-se como um ingrediente indispensável da mídia, colaborando na fabricação do real à base de aparências. MARIANI, B. Op. cit., p.105.

⁶⁵ O processo da fabulação sobre a Intentona Comunista de 1935 foi bastante recorrente nos jornais da grande imprensa durante a primeira metade da década de 60.

⁶⁶ Criou-se uma ilusão referencial para Intentona Comunista. Nela se agruparam termos como *aventura, fracasso, projeto*.

⁶⁷ A Lei de Segurança Nacional foi sancionada pelo Estado Novo como pretexto do *perigo comunista*. Restringiu a liberdade de expressão e os direitos políticos de todos. Significou a censura atuando sobre tudo, principalmente os opositores ao governo e à imprensa.

⁶⁸ O jornal Diários Associados pertencia a Assis Chateaubriand no período de 1920 a 1945. Na década de 60 significava um grupo com rede nacional, possuindo larga cadeia de jornais e emissoras de televisão, constando como propriedade do grupo IPES/IBAD, um dos principais centros de oposição ao governo Goulart. O Diário do Paraná pertencia a esta rede e Chateaubriand colocava-se como um dos principais redatores de seus editoriais.

⁶⁹ O Estado de São Paulo, pertencente a Júlio de Mesquita, ocupava papel de liderança na imprensa paulista no período de 1920-1945. Possuindo referencial liberal-conservador, na década de 60 ainda era bastante influente, encontrando-se entre os principais formadores de opinião com relação às questões sócio-político-econômicas.

Entre 1945 e 1947 ocorreu uma trégua no anticomunismo. Em meados de 1945, iniciaram-se no Brasil manifestações antifascistas, nos moldes das realizadas na Europa, contra o Estado Novo e Getúlio Vargas, tendo como bandeira a reconquista das liberdades democráticas. Além disso, com o andamento da Segunda Guerra Mundial e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) participando da aliança de forças contra o eixo, a oposição ao Partido Comunista abrandou-se, bem como manifestações anticomunistas perderam temporariamente relevância.

Estabeleceu-se um momento de liberdades políticas, implicando no ressurgimento dos partidos⁷¹, na não contestação à legalidade do Partido Comunista Brasileiro e em articulações frente às eleições que se aproximavam. No entanto, pouco tempo após a derrubada do Estado Novo, o governo Dutra reinstalou a Lei de Segurança Nacional, voltando a intervir nos sindicatos e tornando o PCB ilegal uma vez mais.⁷² O Partido Comunista Brasileiro e seus integrantes continuaram na clandestinidade suas atividades junto, principalmente, à classe operária.

Com o período de Redemocratização, a partir de 1945, jornalistas liberais e antiliberais novamente colocaram-se a refletir sobre a continuidade do progresso nacional. Os projetos reformadores do período anterior foram retomados com outros rótulos⁷³, no entanto os fundamentos inspirados em propostas conservadoras de controle social permaneceram bem aceitos. O receio de que as massas populares se sublevassem perturbando a ordem vigente teve continuidade.

1.4 Anticomunismo, Guerra Fria e Anos 60.

A grande imprensa durante o período pós-guerra e a década de 50 abordou o comunismo em suas pautas, no entanto suas referências voltavam-se para a

⁷⁰ CAPELATO, M.H.R. Os Arazos do Liberalismo, Imprensa Paulista 1920-1945. Op.cit., p.246.

⁷¹ Entre os principais partidos políticos deste momento estavam; o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), a União Democrática Nacional (UDN), o Partido Social Democrata (PSD), o Partido de Representação Popular (PRP), o Partido Democrata Cristão (PDC), o Partido Comunista Brasileiro (PCB), etc.

⁷² Esta nova ilegalidade entregue ao Partido Comunista Brasileiro teve como pretexto a alegação de que o partido não passava de uma célula do Partido Comunista de Moscou, sendo assim internacionalista. O nome Partido Comunista Brasileiro (e não do Brasil) serviu como prova da denúncia. No entanto, a crescente repercussão do partido nas eleições de 1952 parece ter sido o principal motivo.

Europa, a URSS e para a China continental. No âmbito local, com o Partido Comunista Brasileiro cassado em 1948, os jornais veiculavam pequenas notas sobre ocorrências envolvendo *comunistas*. Estas, por mais que esparsas, segundo MARIANI, colaboravam para o refortalecimento da memória negativizada constituída no imaginário brasileiro.

A partir das décadas de 50 e 60 o imaginário anticomunista foi fortalecido, retornando o comunismo a ser representado, em vários jornais, como um *perigo* para a sociedade brasileira. Tal fortalecimento vinha em decorrência tanto das notícias e do clima da Guerra Fria, quanto do discurso nacional-reformista e das diversas manifestações de grupos sociais que ganhavam vulto na sociedade.

Após a Segunda Guerra Mundial o clima de polarização entre os Estados Unidos da América (EUA) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) tomou conta do mundo, reanimando no Brasil, o anticomunismo. Ressurgiu fortemente, a partir de meados da década de 50, o receio da tomada do poder pelos comunistas, agora com motivação no anticomunismo americano. A luta contra o comunismo passou, novamente, a compreender tudo que representasse um abalo aos valores considerados mantenedores da sociedade: *Deus, família, propriedade, liberdade e pátria*.

A aproximação dos militares brasileiros da ideologia americana, deu-se sob as estreitas ligações entre estes na Escola Superior de Guerra (ESG), fundada em 1949 com o intuito de fomentar uma doutrina para as Forças Armadas Brasileiras⁷⁴. Segundo Gláucio A. D. SOARES, a ideologia anticomunista dominava o pensamento militar desde a fracassada revolta comunista de 1935, fortalecendo-se com o clima da Guerra Fria.⁷⁵ Ao lado do cognome comunismo muitas vezes estiveram presentes aspectos ou expressões que acabaram por colocarem-se como sinônimos entre os militares, tais como: “*república sindicalista*”, “*influência comunista no governo*”, “*influência comunista no meio militar*” e “*crescimento de diferentes matizes da esquerda*”.

⁷³ O *atraso e progresso* passaram a ser chamados de *subdesenvolvimento e desenvolvimento*.

⁷⁴ SILVA, Francisco C. T. ‘A modernização autoritária: do golpe militar à redemocratização . 1964/1984’. In: LINHARES, Maria Y. *História Geral do Brasil*. 5 ed. Rio de Janeiro: Campos, 1990, p.289. Tal doutrina seguia o modelo do *War National College*, apenas diferenciando-se na preocupação com o desenvolvimento e com a chamada *guerra revolucionária*, que acreditava-se estar sendo conduzida no país pelos comunistas, visando tomar o poder sem intervenção soviética direta.

⁷⁵ SOARES, Gláucio A. D. O Golpe de 64. In: _____; D’ARAUJO, M. C. (Org.). *21 anos do regime militar: balanço e perspectivas*. Rio de Janeiro: FGV, 1994, p.25.

A mentalidade positivista e autoritária entre os militares e o engajamento contrário ao que o comunismo para eles representava - atraso, desordem, caos, anarquia - aliados ao espírito desenvolvimentista que envolvia o país a partir da década de 50, colaboraram para a gestação da concepção da *modernização autoritária*⁷⁶. Esta foi gestada em meio a um imaginário modernizante ligado a um imaginário conservador e colocada em prática principalmente a partir da Ditadura Militar de 1964.

As relações econômicas entre EUA e Brasil intensificaram-se a partir da década de 50, surtindo, juntamente com as entradas de produtos e parcerias financeiras, a disseminação da propaganda norte-americana, efetivando a importação do “*American Way of Life*” pela classe média urbana brasileira. Muito dessa propaganda encontrava-se imerso no espírito da Guerra Fria, como a propaganda da CIA (Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos), veiculando não apenas os bens materiais de consumo, juntamente com a própria idéia de consumo, mas idéias permeadas de um intenso sentimento anticomunista tal qual ele se manifestava nos EUA.⁷⁷

Em meio a este contexto, as influências das correntes de pensamento conservador católico do início do século, com suas idéias antiliberais e antisocialistas, foram retomadas a partir dos anos 60. Através de tendências como o Integrismo ou Catolicismo Integral, de grupos como o *Tradição, Família e Propriedade*⁷⁸ (TFP) e de revistas como *A Ordem e Hora Presente*⁷⁹, a fraseologia espiritualizante da doutrina integralista passou a ser retomada.⁸⁰ Entre seus aspectos de importância estavam a crença na “*Revolução moral*”, as noções de honra e dever relacionadas ao anticomunismo e a admiração pelas virtudes militares. Gilberto VASCONCELLOS ressalta que a semelhança de tal tendência

⁷⁶ Sobre Modernização Autoritária ver: SILVA, Francisco C. T. da. A modernização autoritária: do golpe militar à redemocratização - 1964/1984. In: LINHARES, Maria Y. (Org.). História geral do Brasil. 5.ed, Rio de Janeiro: Campus, 1990.

⁷⁷ Os artigos e propagandas veiculados em revistas como a americana *Seleções*, que a partir da década de 50 possuíam grande vendagem entre a classe média brasileira, podem servir de exemplo.

⁷⁸ O grupo *Tradição, Família e Propriedade* era liderado por Plínio Correia de Oliveira a partir de meados da década de 60.

⁷⁹ Ambas ligada ao grupo TFP, sendo a *Hora Presente* considerada seu órgão de divulgação. Os intelectuais reunidos ao redor da Hora Presente, revista paulista de 1968, possuíam idéias que muito lembravam o corporativismo fascista do Integralismo. Entre seus colaboradores, alguns ex-integralistas, outros dos meios católicos, estavam Miguel Reale, Raymundo Padilha, Adib Casseb e Gustavo Corção - o representante intelectual mais importante do autoritarismo católico das décadas de 60/70.

⁸⁰ VASCONCELLOS. Op.cit., p.37.

com o integralismo também colocava-se quanto a vacuidade teórica. Um exemplo da miscelânea entre reacionarismo político e juízos sexuais moralizantes acompanhados de um ecletismo bizarro pode ser observado nesta citação de Plínio Correia de OLIVEIRA, já em 1974:

A medida que o liberalismo moral vai abrindo campo ao divórcio, ao adultério, à revolta dos filhos e dos empregados domésticos, dissolve-se com efeito o lar. E com isto as mentalidades se vão habituando cada vez mais a uma ordem de coisas em que não existe família. Em outros terrenos, vão caminhando para o amor livre, inerente ao comunismo.⁸¹

1.5 Propaganda anticomunista e Governo Goulart.

O Brasil, na primeira metade da década de 60, estava em meio a agudização da crise econômica num governo de forte apoio trabalhista, onde a noção de *Pátria* encontrava-se nos limites da propriedade privada. Desta maneira, tanto o apelo religioso quanto a propaganda anticomunista realizada por parte da imprensa, colocaram-se impactantes para o engrossamento das fileiras de oposição ao governo, em especial a classe média e setores das Forças Armadas.

Os boatos sobre “*infiltrações comunistas*” no governo brasileiro perseguiram Jânio Quadros⁸² com sua Política Externa Independente⁸³. Foi com João Goulart⁸⁴ que tais boatos radicalizaram-se, tendo sido seu governo acompanhado por infinitas manifestações e representações anticomunistas e ameaçado de golpes direitistas constantemente.

O presidente João Goulart levantou desconfiança dos segmentos mais conservadores da sociedade brasileira porque possuía um discurso carregado de

⁸¹ OLIVEIRA, Plínio Correia de. ‘Baldeação ideológica inadvertida’. 5.ed. Rio de Janeiro: Vera Cruz, 1974, p.47. apud VASCONCELLOS. Op. cit., p.38.

⁸² Jânio Quadros foi eleito presidente do Brasil no início de 1961. Inconformado com os limites constitucionais e fustigado pelos índices inflacionários, sete meses depois renunciou.

⁸³ A PEI (Política Externa Independente) sustentava, entre outros pontos, relações comerciais entre o Brasil e os países socialistas; além disso apoiava a *autodeterminação dos povos* nos casos dos países ainda coloniais em luta e de Cuba.

⁸⁴ Goulart era vice de Jânio Quadros e imediatamente após sua renúncia foi impedido, pelos ministros militares, assumir a presidência do país, ficando o Brasil sob um regime Parlamentarista. Somente em 1962 Goulart teve seu cargo restituído. João Goulart foi considerado por muitos um herdeiro de Getúlio Vargas. As contradições de sua política ainda dentro dos moldes populistas explicitam-se através da análise de seu discurso nacional-reformista, de suas variadas alianças político-partidárias e de seu apoio fundamentado na massa organizada, nos sindicatos e no Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

reformismo-democrático, intervencionismo estatal e relacionava-se com os partidos considerados de esquerda. Assim, em meio a um contexto de acirramento da crise econômica, de emergência dos trabalhadores urbanos e rurais, de pressões de empresários, latifundiários, industriários ligados ou não ao capital multinacional-associado⁸⁵ o “*fantasma do comunismo*” rondou o país uma vez mais. Fez evidenciar-se nos boatos de golpe que se espalharam durante o período Goulart.

No entanto, há que se fazer a ressalva de que o golpe não foi somente o resultado de uma grande conspiração direitista, nem tampouco a consequência inevitável de fatores estruturais e/ou políticos.⁸⁶ Quando se confere importância apenas à conspiração, acaba-se por esquecer que outros aspectos também possuíram relevante significação para o desfecho com o Golpe militar em 1964. Entre tais aspectos pode-se citar a mentalidade autoritária, positivista e enaltecida dos “valores *ocidentais-cristãos*”, não somente presente nos militares, mas em parte da elite conservadora e em setores da classe média e da própria classe trabalhadora.

Segundo Argelina C. FIGUEIREDO⁸⁷ uma série de medidas tomadas pelo governo Goulart, relacionadas às reformas de base⁸⁸, empurrou capitalistas individuais e associações corporativas para a oposição política aberta. As movimentações nos sindicatos, na União Nacional dos Estudantes (UNE) e nas organizações camponesas, juntamente com o discurso nacional-reformista do governo e suas relações com partidos de esquerda, eram tidas como evidência da “*infiltração comunista*”.

Com relação às organizações de esquerda, na década de 60, o clima era de grande radicalização e de disputas. Os relatórios de Krushev sobre Stálin levaram o PCB a passar por uma crise em suas bases entre o período de 1956 a 1962. Esta somente findou com uma cisão interna no partido, onde os de tendência conservadora acabaram por fundar, em 1962, o *PC do B*, Partido Comunista do Brasil.

⁸⁵ Para maiores detalhes sobre o *capital multinacional-associado* ver: DREIFUSS, R.A. 1964: a conquista do estado; ação política e golpe de classe. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981.

⁸⁶ FIGUEIREDO, Argelina C. Democracia ou reformas? alternativas democráticas à crise política: 1961-1964. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

⁸⁷ Idem.

⁸⁸ As *Reformas de Base*, do Governo João Goulart, eram um conjunto de medidas sociais visando contornar as crises vividas pelo país nas diversas instâncias. Entre elas estavam: Reforma Agrária, Reforma Tributária, Reforma Universitária, Regulamento da Lei de Remessas de Lucros para o Exterior, Monopólio do Petróleo, etc.

No âmago das questões dos comunistas da década de 60 encontrava-se a revolução antiimperialista, antifeudal, nacional e democrática. O momento tornava favorável tendências nacionalistas, reformistas e democráticas. Desta maneira a diferença entre o Partido Comunista Brasileiro (PCB) e o Partido Comunista do Brasil (PC do B) não estava na caracterização da sociedade brasileira, mas sim em termos de poder, pois enquanto o PCB defendia um governo nacionalista e democrático o PC do B defendia a instalação de um governo popular revolucionário.

Assim, “enquanto setores conservadores sentiam-se ameaçados pelo PCB, diversos agrupamentos de esquerda o consideravam um partido reformista, aliado a burguesia.”⁸⁹ Os segmentos considerados de esquerda estavam longe de uma coesão ideológico-partidária⁹⁰. Suas referências distribuam-se desde o *nacionalismo-reformista* até a perspectiva da *revolução armada*. O Golpe de 64 acentuou o processo de divisão das correntes marxista-leninistas brasileiras⁹¹.

Entre os argumentos centrais para o golpe de 64 esteve o *perigo comunista*. No entanto como coloca Dulce C. PANDOLFI, as causas para este extravazaram em muito a atuação dos comunistas. As evidências da *ameaça vermelha* na sociedade brasileira foram, muito mais, projeções de um imaginário anticomunista enraizado nos valores vigentes na sociedade.

Os conservadores⁹², em reação às reformas propostas, encontravam-se confiantes para retaliações políticas e a exoneração do presidente Goulart. A União Democrática Nacional (UDN), essencialmente antigetulista e antipopulista, passou à bandeira do anticomunismo e do antinacionalismo na década de 60. “Para a UDN as forças do mal estavam soltas. Sua missão, o exorcismo; seu objetivo, a defesa da

⁸⁹ PANDOLFI, Dulce C. ‘Os Comunistas e o golpe’. In: SOARES; D’ARAUJO. Op.cit., 76.

⁹⁰ Entre eles podem ser citados: o movimento da *Bossa Nova* da União Democrática Nacional (UDN), alguns integrantes de partidos como o Partido Social Democrático (PSD), Partido Social Progressista (PSP), Partido Democrata Cristão (PDC), segmentos do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), o Partido Socialista Brasileiro (PSB), o Partido Comunista Brasileiro (PCB), o Partido Comunista do Brasil (PC do B), as Ligas Camponesas, a Ação Popular (AP), os sindicatos operários e camponeses, as grandes entidades estudantis (entre elas a UNE) e as sociedades intelectuais (o ISEB como exemplo).

⁹¹ Para maiores informações sobre os partidos de influência marxista-leninista ver: REIS Filho, Daniel A. *A Revolução faltou ao encontro*. São Paulo: Brasiliense, CNPQ, 1990.

⁹² Os partidos União Democrata Nacional (UDN) e o Partido Social Democrata (PSD) possuíam, na década de 60, de grandes bancadas em todos os níveis do governo, eram ambos conservadores, porém diferenciavam-se em suas propostas. O PSD, integrado em grande parte por uma bancada ruralista, possuía uma linha considerada mais progressista dando ênfase tanto a intervenção estatal quanto ao capital estrangeiro. Já a UDN possuía uma posição anti-estatista, que já vinha desde a sua criação antigetulista em 1945.

propriedade contra a ação do Estado; sua bandeira, a manutenção da ordem cristã e ocidental.”⁹³

Assim, coube a UDN um forte papel na divulgação das teses da “*Guerra Revolucionária*” supostamente empreendida pelos comunistas. Também teve envolvimento em atividades ideológicas visando à congregação de todas as forças de centro e direita (empresários, políticos, militares, imprensa, família e igreja) contra a “*ameaça comunista*” representada pelo governo João Goulart.

Através de entidades, como o Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES) e o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD), agentes da CIA, militares brasileiros, diferentes radicais de direita articularam-se ao redor do “*perigo comunista*”. Tais entidades e suas subsidiárias encontravam-se introduzidas entre os mais diferentes grupos da sociedade brasileira⁹⁴. Tinham sua influência estendida também aos jornais e a outros órgãos de divulgação e movimentavam grandes somas de dinheiro providas de grandes empresas estrangeiras, nacionais e, em grande parte, do próprio governo norte-americano.

Outra destas entidade, de extrema importância com relação à propaganda anticomunista, foi o Movimento Anticomunista (MAC) fundado em 1962. Era bastante significativo entre certos segmentos da sociedade, principalmente a classe média. Não se colocava como uma campanha, nem sua ação era especificamente anticomunista. Acabava por envolver organizações de esquerda para legitimar sua tática, tanto que muitos dos nomes e das instituições visadas por ele eram adeptas das teses nacional-reformistas.

Amplas campanhas de opinião pública foram realizadas na tentativa de cooptar mais adeptos à causa anticomunista, principalmente a partir do momento em que o discurso nacional-reformista de João Goulart passou a ser mais explícito.⁹⁵ “Muitos representantes da imprensa que exorcizaram a ditadura de Vargas apoiaram o golpe de 1964. Em nome da ‘*paz social*’ curvaram-se à tirania; a seguir foram vítimas dela e acabaram lutando para recuperar a própria liberdade.”⁹⁶

⁹³ BENEVIDES, Maria V. *A UDN e o Udenismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p.119.

⁹⁴ Entre eles: Ação Democrática Parlamentar (ADEP), Campanha da Mulher Democrática (CAMDE), Frente Juvenil Democrática (FJD), Resistência Democrática dos Trabalhadores Livres (REDESTRAL), Movimento Sindical Democrata (MSD), etc.

⁹⁵ Este clima aprofundou-se a partir de outubro de 1963, com a tentativa de pedido de *Estado de Sítio* pelo Governo Goulart.

⁹⁶ CAPELATO, Maria H. *Os arautos do liberalismo: imprensa paulista 1920-1945*. São Paulo: Brasiliense, 1989, p.246.

O Comício em prol das Reformas de Base, do dia 13 de março de 1964, realizado na Central do Brasil, na Guanabara, surtiu grande agitação nos setores conservadores da sociedade. Jango chamou-o de “*início das reformas sociais brasileiras*”, e falou em prol da “agilização da encampação das refinarias de petróleo privadas e da desapropriação dos latifúndios às margens de rodovias, ferrovias e açudes federais”.

Através do governador da Guanabara, Carlos LACERDA, um inimigo declarado de João Goulart, relacionado com os EUA e com os grupos anticomunistas brasileiros, pode-se perceber os receios com relação ao Comício:

O Partido Comunista realizará dia 13, sexta-feira (dia de azar), um comício ilegal em zona proibida na Guanabara. Os comunistas escolheram o senhor João Goulart o orador oficial daquela manifestação e o exército decidiu tomar conta e garantir a sua realização transformando o local em zona militar. Em razão disto para os trabalhadores que normalmente passam pelo local do comício (Central do Brasil) não sejam coagidos a lá permanecer é decretado dia facultativo e assim os trabalhadores podem ficar em casa.⁹⁷

Várias foram as notícias, manchetes e reportagens sobre os perigos da “*infiltração comunista*” no Brasil ou os “*lugares já infiltrados*”. Em 1964, ao redor do uso do termo comunismo ou comunização, vários elementos pré-construídos encontravam-se integrados ao sentido negativizado da memória: “*dissolução da família*”, “*nociva ideologia*”, “*idéias dissolventes*”, “*extremistas vermelhos*”, etc. “As camadas intermediárias da população, assustadas pelo fantasma do comunismo, passavam em massa para a oposição e as *Marchas da Família com Deus pela Liberdade* mobilizavam milhares de pessoas, principalmente mulheres.”⁹⁸

PAULISTAS DIZEM “NÃO” AO COMUNISMO:UM MILHÃO NA GIGANTESCA MANIFESTAÇÃO!⁹⁹

Sob a bandeira do anticomunismo novamente escondiam-se outros aspectos contra os quais nem sempre as lutas davam-se abertamente. Moniz BANDEIRA sintetiza tais aspectos: “O comunismo era o Comando Geral dos Trabalhadores,

⁹⁷ LACERDA, Carlos. Comício na Central do Brasil. In: Correio do Paraná. Curitiba, 8 mar. 1964. p.3.

⁹⁸ PACHECO, Eliezer. Op.cit., p.227. As *Marchas da Família com Deus pela Liberdade* foram realizadas em diversas cidades brasileiras, após o Comício em prol das Reformas de Base, com o intuito de manifestar-se contra a *comunização do Brasil*.

⁹⁹ Jornal Diário do Paraná. Paulistas dizem ‘não’ ao comunismo. Curitiba, 21 de março de 1964, p.02.

esse esforço de organização e unificação de movimento sindical, que as classes dominantes pretendendo comprimir os salários, queriam interceptar. Era o sindicalismo rural, a reforma agrária, a lei que limitava a remessa de lucros. Tudo que contrariava os interesses do imperialismo norte-americano, dos latifundiários e do empresariado; era a própria democracia que, com João Goulart, possibilitava a emergência dos trabalhadores”.¹⁰⁰ O anticomunismo colocava-se como sinônimo de anti-reformismo.

Argelina C. FIGUEIREDO ressalta que o que era, a princípio nominado de *conspiração*, com seus movimentos pela *liberdade* e pela *legalidade*, transformou-se em *Revolução*. Assim, um argumento em circulação na sociedade, construído a partir de uma ameaça imputada e não de uma ameaça real - a possibilidade de uma revolução comunista no Brasil em 1964, uniu civis e militares ao redor da tese da *legalidade* e do *anticomunismo* instaurando mais um período de ditadura no país¹⁰¹.

¹⁰⁰ BANDEIRA, M. O Governo João Goulart: As lutas sociais no Brasil (1961-64). 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p.178.

¹⁰¹ O período de Ditadura Militar instalada no Brasil em 1964 durou 20 anos. Somente em 1984 iniciaram-se os processos de redemocratização do país.

CAPÍTULO II

A GRANDE IMPRENSA E AS REPRESENTAÇÕES ANTICOMUNISTAS, 1961-1964.

A imprensa escrita colocou-se como um dos importantes meios de acesso a informações, sendo considerada formadora de opinião. Ela deve ser analisada, segundo Maria Helena CAPELATO¹⁰², como um agente histórico, pois intervem na vida social registrando e comentando os acontecimentos. Como fonte de análise deve ser considerada espaço de representação simbólica de momentos particulares da realidade.

Através da análise dos jornalistas¹⁰³ como sujeitos dotados de consciência determinada na prática social, a imprensa, como categoria abstrata, é desmistificada. “Sua existência é fruto de determinadas práticas sociais de uma época. A produção deste documento pressupõe um ato de poder no qual estão implícitas relações a serem desvendadas.”¹⁰⁴

Desta maneira, pode-se refletir sobre as representações anticomunistas encontradas na grande imprensa curitibana na primeira metade da década de 60. Muitos aspectos foram retratados na imprensa sob o rótulo do comunismo. O próprio discurso nacional-reformista do governo João Goulart e de grupos da sociedade foi caracterizado, por grande parte da grande imprensa brasileira, como comunista. A relação imprensa/anticomunismo coloca-se como um dos fios condutores para a compreensão das representações anticomunistas tão marcantes durante o Governo Goulart.

A aparente imparcialidade dos jornais, que assegura confiança dos leitores, é desmascarada a partir da observação de que na constituição do fato jornalístico encontram-se elementos subjetivos. “A produção de sentidos na notícia dos fatos

¹⁰² CAPELATO, Maria H. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988, p.21.

¹⁰³ Entende-se por jornalistas tanto os proprietários das empresas jornalísticas, quanto seu corpo redacional, composto de profissionais que se identificam com a linha política do proprietário. CAPELATO, M.H. ‘O Controle da Opinião e os Limites da Liberdade: Imprensa Paulista (1920-1945).’ In: *Revista Brasileira de História*. v.12. n.23/24. São Paulo: Marco Zero, set.91/ago.92, p.56.

¹⁰⁴ *Imprensa e História do Brasil*. Op.cit., p.24-25.

se realiza a partir de um jogo de influências em que atuam impressões dos próprios jornalistas (eles também sujeitos históricos), dos leitores e da linha política dominante no jornal.”¹⁰⁵

Seus enunciados se fazem em nome de determinados segmentos da sociedade. Na *grande imprensa*¹⁰⁶, ou *imprensa de referência*, as distinções entre público e privado encontram-se suprimidas. A informação, um direito público, é elaborada e transmitida pelo poder privado. A *opinião pública*, expressada pelos jornais, confunde-se com os interesses dos proprietários e de círculos particulares.

Os jornais facilmente são assumidos como intérpretes do senso comum, eternizando a ilusão de que sintetizam as demandas comunitárias. O que ocorre, na grande imprensa, é a reelaboração do mundo em razão de imperativos político-ideológicos.

O discurso jornalístico, enquanto manutenção de poder, atua na ordem do cotidiano, pois além de agendar campos de assuntos sobre os quais os leitores podem/devem pensar, organiza direções de leituras¹⁰⁷. Desta maneira, a instituição imprensa minimiza a ambiguidade do mundo e homogeneiza os sentidos. A partir da convicção de que os fatos falam por si só, as interpretações destes são dissimuladas. Assim, “*verdades*” são instituídas e colocadas em circulação pela própria imprensa.

Maria H. CAPELATO¹⁰⁸ pontua que discursos universalizantes, como normalmente o discurso liberal, pertencem ao domínio da ilusão. É neste domínio que a ideologia¹⁰⁹ tem um lado de verdade, colocando-se como um modo de representação das lutas sociais, uma forma particular de interpretá-las.

A produção jornalística é uma tentativa de explicar e didatizar os acontecimentos, construindo um “sentido natural”. Constrói-se a partir de mecanismos de reconhecimento, escolhas, interpretação, ocultação, etc. Assim, a imprensa desenvolve importante papel na produção/circulação de consensos de

¹⁰⁵ MARIANI, B. *O PCB e a Imprensa*. Os comunistas no imaginário dos jornais 1922-1989. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Unicamp, 1998, p.60.

¹⁰⁶ Caracteriza-se como *Grande Imprensa* a instituição onde se meclam o público e o privado, onde os direitos dos segmentos proprietários encontram-se com relevância e nas entrelinhas de seu funcionamento. CAPELATO, M.H. *Imprensa e História do Brasil*. Op.cit., p.18.

¹⁰⁷ MARIANI. Op.cit., p.224.

¹⁰⁸ CAPELATO, M.H. *Os Arautos do Liberalismo*. Imprensa Paulista 1920-1945. São Paulo: Brasiliense, 1989, p.17.

¹⁰⁹ Compreende-se ideologia partindo de Maria H. CAPELATO, como um modo de representação do sistema capitalista, nele assumindo o sentido primordial do ocultamento. Idem.

sentido, elaborando verdades locais. Como aponta Dênis de MORAIS, cria-se um campo de representação de práticas sociais onde são veiculados equivalentes simbólicos¹¹⁰.

2.1 *Correio do Paraná, Diário do Paraná e Última Hora: representações anticomunistas.*

O anticomunismo, como se tentou mostrar na abordagem realizada no primeiro capítulo, esteve presente em grande parte do século XX. Através da análise da imprensa pode-se detectar as distintas representações, frutos das práticas sociais específicas de cada época.

Segundo Bethania MARIANI nas primeiras décadas do século, o “*comunista*” era identificado, nos jornais, como parte do operariado¹¹¹. Após a década de 30, além de parte do operariado, passaram a ser rotulados como comunistas, parte dos estudantes, do clero, dos professores e alguns correspondentes internacionais. A confluência de representações anticomunistas recaía sobre os participantes de movimentos sociais. Os demais brasileiros, os não envolvidos em tais movimentos, eram denominados ou evocados por “*patriotas*” e “*democratas*”.¹¹²

Na primeira metade da década de 60 o discurso nacional-reformista de certos segmentos da sociedade, incluindo o próprio governo, também despertou representações anticomunistas. A imprensa colocou-se como um palco privilegiado para o desfile de representações favoráveis ou contrárias ao nacional-reformismo. Dividiu-se entre as propostas reformistas, conservadoras e liberais para a sociedade.

As propostas e manifestações em prol das reformas significavam ameaças para certos grupos mais conservadores ou mais liberais. O liberalismo e o conservadorismo católico acabaram por realizar uma união tática contra o comunismo e suas ameaças. Assim, a maior parte dos principais jornais e complexos da imprensa brasileiros assumiram posicionamentos contrários aos do

¹¹⁰ MORAIS, Dênis de. O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-53). Rio de Janeiro: J. Olympio, 1994.

¹¹¹ Mariani coloca que na grande imprensa o comunista sempre foi retratado como um *inimigo* ou um *ingênuo* que deixava levar-se por idéias falsas. Além disso, nunca apareceu como a totalidade de uma classe social, mas sempre como segmentos de classe. MARIANI, B. Op.cit., p.153.

¹¹² Idem, p.155.

nacional-reformismo. Entre eles pode-se citar a Folha de São Paulo¹¹³, O Estado de São Paulo¹¹⁴, O Globo¹¹⁵, a cadeia dos Diários Associados¹¹⁶, etc.

As repercussões das discussões nacionais e internacionais também foram evidenciadas nas páginas da imprensa curitibana. Da mesma maneira, uma grande parte dos jornais da cidade colocou-se contrária ao nacional-reformismo, encontrando-se neles representações anticomunistas.

Os jornais curitibanos *Correio do Paraná*, *Diário do Paraná* e *Última Hora* colocam-se como exemplos de maneiras diferenciadas de tratamento do discurso nacional-reformista. Podem ser citados, durante a primeira metade da década de 60, como exemplos de luta ideológica na preservação das instituições democráticas contra qualquer forma de regime de exceção. A crítica aberta aos focos de conspiração golpista era bastante recorrente. No entanto, em meio ao discurso nacional-reformista, diferenciaram-se quanto a apreensão do que estava contido sob a democracia e as ações dos integrantes da sociedade .

O jornal *Diário do Paraná* pertencia à cadeia nacional dos Diários Associados que possuía não somente jornais, mas também emissoras de rádio e televisão distribuídas pelo território brasileiro. Era propriedade do grupo IPES/IBAD (Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais/ Instituto Brasileiro de Ação Democrática)¹¹⁷, um dos principais centros de oposição ao Governo Goulart e ao discurso nacional-reformista da época. O grupo IPES/IBAD recebia auxílio financeiro de diversas entidades, muitas delas estrangeiras, para infiltrar-se entre segmentos e grupos da sociedade civil ajudando a moldar opiniões.

Dentre os jornais analisados, o *Diário do Paraná* colocou-se nitidamente como anticomunista. Além de ter como filtro a ideologia ocidental, colocou-se como um dos articuladores de teses golpistas da direita através de ondas de *boatos* que visavam desestabilizar o governo. A *agência Meridional*, também de propriedade

¹¹³ Mais aspectos sobre o discurso anticomunista na Folha de São Paulo na década de 60 ver: DIAS, Luiz Antonio. 'O poder da imprensa e a imprensa do poder: a Folha de São Paulo no golpe de 64'. In: *Pós-História*. Assis-SP: 1994, p.247-9.

¹¹⁴ Paulo C.L. BOTAS e Maria Helena CAPELATO apontam alguns aspectos do combate ao reformismo realizado pelo jornal O Estado de São Paulo na década de 60. BOTAS, Paulo C.L. *A benção de abril: "Brasil Urgente"*, memória e engajamento católico no Brasil 1963-64. Petrópolis: Vozes, 1983; CAPELATO, Maria H.R. 'O controle da opinião e os limites da liberdade: imprensa paulista (1920-1945)'. Op.cit.

¹¹⁵ Bethania MARIANI traz representações anticomunistas do jornal O Globo desde a década de 20. MARIANI, B. Op.cit.

¹¹⁶ Maria Helena CAPELATO e Paulo C.L. BOTAS Comentam o anti-reformismo da cadeia dos Diários Associados. CAPELATO, M.H.R. Op.cit.; BOTAS, P.C.L. Op.cit.

dos “Diários”, era a sua produtora central das notícias nacionais; enquanto que a United Press Internacional (UPI) era a sua principal fonte de informações internacionais.

O jornal *Diário do Paraná* tinha como meta a defesa do regime, das instituições democráticas, da família brasileira e da moral cristã. Através, principalmente de seus editoriais, pode-se sentir nuances do *integrismo católico* que foi uma reatualização de teses integralistas dos anos 30.

Em suas notícias e principais editoriais encontravam-se personalidades como: Carlos Lacerda¹¹⁸, Adhemar de Barros¹¹⁹, Bilac Pinto¹²⁰, João Calmon¹²¹, Plínio Salgado¹²², etc. Além disso, entre suas abordagens centrais para as questões nacionais ou internacionais, era favorável aos Estados Unidos, suas perspectivas e atitudes. Seu principal colunista era Assis Chateaubriand, um dos proprietários do jornal, possuidor de forte vínculo com as teses defendidas pela UDN¹²³.

O *Correio do Paraná* colocou-se como o único dos três jornais analisados que não fazia parte de uma rede nacional de jornais. Pontuando-se como imprensa local, demonstrava maior preocupação com políticos paranaenses e suas realizações estaduais. Durante o período de 1961 a 1964, a crítica ao governador do Estado Ney Braga¹²⁴, era explícita e o principal motivo de luta do jornal. Estas colocavam-se desde a denúncia de corrupção até de envolvimento com movimentos reacionários e conspiratórios de direita.

Através do *Correio*, pode-se visualizar, de uma forma mais explícita, as representações anticomunistas envolvendo grupos e políticos do Estado. Não colocou-se como um jornal onde o anticomunismo mostrava-se nas aparências,

¹¹⁷ Para maiores informações sobre o complexo IPES/IBAD ver: DREIFUSS, René A. Op. cit.

¹¹⁸ Carlos Lacerda foi um jornalista liberal bastante influente a nível nacional. Foi um dos principais críticos políticos de Getúlio Vargas na década de 50; e durante o período Goulart, como governador da Guanabara, também foi um de seus principais rivais políticos.

¹¹⁹ Adhemar de Barros, líder político paulista, era governador de São Paulo na primeira metade da década de 60 e também colocava-se na frente de oposição ao Governo Goulart.

¹²⁰ Bilac Pinto foi presidente nacional da União Democrata Nacional (UDN), um partido de cunho conservador, durante a primeira metade da década de 60.

¹²¹ João Calmon foi vice presidente de Bilac Pinto da UDN.

¹²² Plínio Salgado foi um dos líderes integralistas da década de 30, de cunho fascista. Na década de 60 era o presidente nacional do Partido de Representação Popular (PRP) e retomou, entre outros, a divulgação de teses autoritárias. Foi eleito deputado pelo Estado do Paraná.

¹²³ Para mais informações sobre a UDN retornar a página 20 desta monografia, onde se abordam mais aspectos sobre tal partido político.

¹²⁴ Ney Braga foi governador do Estado do Paraná durante a primeira metade da década de 60. Era presidente nacional do Partido Democrata Cristão (PDC). No entanto, seus relacionamentos políticos foram, até certo ponto caracterizados pela ambiguidade, pois hora defendia as reformas propaladas

como o Diário do Paraná, mas seu filtro para análise e produção das notícias também era a ideologia liberal. Colocava-se favorável às reformas desde que estas não possuíssem teor considerado “socializante”.

Desta forma, o combate ao comunismo era mais incisivo no *Correio do Paraná*. No entanto, as representações anticomunistas davam-se muito mais no âmbito da retransmissão de “boatos”, onde o jornal parecia ser o primeiro crédulo. Talvez, a isto assome-se o fato do jornal ser de horizontes locais, não veiculando explicitamente notícias de nenhuma agência. Suas informações internacionais provinham da agência de notícias Transpress.

O jornal *Última Hora* era uma extensão da rede nacional de Samuel Wainer¹²⁵, sob o mesmo nome. Na cadeia de Wainer estava, também a agência de notícias Última Hora (UH), encarregada da produção, circulação e intercâmbio de notícias nacionais entre os jornais coligados¹²⁶. As informações internacionais provinham das agências France Press (FP) e United Press Internacional (UPI).

A principal característica do jornal Última Hora, que o torna *suigêneris* em relação aos outros jornais analisados, é ter sido um órgão popular de apoio às teses nacional-reformistas. O Última Hora contrapôs-se ao posicionamento político de jornais mais liberais ou conservadores, tendo sido suas representações extremamente positivas com relação às propaladas reformas de base do Governo Goulart e os grupos em evidência na sociedade. Assim, receberam destaque na totalidade do jornal: o governo João Goulart, os deputados petebistas Leonel Brizola¹²⁷ e Francisco Julião¹²⁸, a União Nacional dos Estudantes (UNE)¹²⁹, a Central Geral dos Trabalhadores (CGT)¹³⁰, as Ligas Camponesas¹³¹, etc.

pelo Governo Goulart, e hora estreitava seus laços com a UDN e o PSD. Ney Braga apoiou o golpe militar de 1964.

¹²⁵ A rede jornalística de Samuel Wainer foi criada na década de 50 para apoio do trabalhismo varguista.

¹²⁶ Mais dados sobre a estratégia empresarial, a circulação, os aspectos industriais e a rede nacional do jornal Última Hora ver: BARROS, Antonio T. de M. ‘As estratégias empresariais de Última Hora’. In: Comunicação e Sociedade. n.2. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979, p.05-14.

¹²⁷ Leonel Brizola, cunhado de João Goulart e defensor do discurso nacional-reformista, foi deputado pelo Partido dos Trabalhadores Brasileiros (PTB) pelo Estado do Rio Grande do Sul na primeira metade da década de 60.

¹²⁸ Francisco Julião era, no momento analisado, deputado petebista (PTB) pelo Estado de Pernambuco e apoiava na Câmara as Ligas Camponesas.

¹²⁹ A União Nacional dos Estudantes (UNE), disseminada em diversas cidades brasileiras, encontrava-se na luta pelas reformas sociais no país.

¹³⁰ O Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) também era de apoio às teses nacional-reformistas.

¹³¹ As Ligas Camponesas encontravam-se disseminadas em diversas cidades do interior do Nordeste, principalmente no Estado de Pernambuco, em busca da efetivação da Reforma Agrária.

Obviamente o combate ao *comunismo* não colocava-se entre os temas de importância para o *Última Hora*. Manifestava-se, apenas, através da impossibilidade da aceitação de regimes de exceção que rompessem com as instituições democráticas. Da mesma maneira, criticava as ditaduras de direita. O jornal tinha entre as suas principais metas a denuncia de movimentos e articulações anticomunistas atrelada à figura de Jango ou de seu governo.

O desenvolvimento da Guerra Fria e do Comunismo Internacional, a atitude nacional-reformista dos grupos sociais em evidência na sociedade e do Governo Goulart, foram registrados em imagens e discursos de formas particulares por estes três jornais. Os conjuntos de representações diferenciadas produzidos por tais órgãos da imprensa curitibana colocam-se como espaços para a compreensão do imaginário político da época e dos diferentes projetos partidários e ideologias.

2.2 Representações da ‘Guerra Fria’, do ‘Comunismo Internacional’ e de seus aliados.

Os enfrentamentos, em todos os níveis, entre os Estados Unidos da América (EUA) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) renderam assunto para os destaques da primeira página, editoriais e páginas inteiras de política internacional. As lutas pela preponderância política nas diferentes regiões do mundo, a corrida espacial, a guerra atômica, a espionagem, enfim, a grande luta travada entre capitalismo e comunismo foram postas em circulação despertando todo um imaginário mesclado de pavor e euforia.

As diferenças partidárias dos jornais analisados implicaram em formas, até certo ponto, diferentes de representar a Guerra Fria e, principalmente o Comunismo. O *Diário do Paraná* e o *Correio do Paraná* entregaram grande destaque ao tema, o qual sempre apareceu retratado através de imagens fortes:

“Assassino italiano faz propaganda comunista pela Rádio de Praga” (*Correio do Paraná*, 06/01/61,p.9); “Soviéticos eliminam funcionários ineficazes” (*Diário do Paraná*, 13/01/61, p.1); “Fome ronda a China comunista”; (*Correio do Paraná*, 20/01/61, p.1); “Don Juan soviético seduz 41 jovens de 15 a 16 anos” (*Correio do Paraná*, 15/11/63, p.1); “400 estudantes negros protestam em Moscou contra a discriminação” (*Correio do Paraná*, 09/12/63, p.1).

Nestes dois jornais o lado comunista apareceu sempre relacionado ao “*mal*”. Já o bloco ocidental, com John Kennedy¹³² e a Organização das Nações Unidas¹³³, era representado como “baluarte da democracia”. Kennedy era descrito como “gigante da democracia”, “paladino dos direitos humanos”, “cidadão do mundo”, “arquiteto da paz” em contraposição a Krushev¹³⁴ e aos comunistas de um modo geral. Estes eram retratados como “intolerantes”, “violentos”, “perigosos” e “mentirosos:

“Relatório russo sobre Laos é falso: há calma” (*Diário do Paraná*, 21/03/61, p.1); “Bomba soviética explodiu por engano, diz Krushev” (*Diário do Paraná*, 01/11/61, p.1); “Pequena vítima da brutalidade chinesa” (*Correio do Paraná*, 21/08/63, p.1); “Estudantes alemães fogem para o Ocidente: temiam represálias” (*Correio do Paraná*, 13/11/63, p.1).

O jornal *Última Hora* posicionou-se, perante a Guerra Fria, dentro do *neutralismo*¹³⁵. Personalidades como o Marechal Tito¹³⁶, os presidentes Nasser¹³⁷ e Nehru¹³⁸, respectivamente do Egito e da Índia, ao lado dos governos brasileiro e argentino recebiam relevância quanto às questões mundiais.

Krushev e Kennedy eram os “K”, ambos retratados como “imperialistas”. O primeiro era descrito como “bonachão”, e o segundo como “cavalheiro”. John Kennedy, quase sempre foi apresentado pelo jornal *Última Hora* enredado pelo medo, protestando ou alarmado com os grandes “impérios vermelhos”, URSS e China, esta última colocando-se a partir de 1963 como o “perigo amarelo”.

¹³² John Kennedy, do Partido Democrata, foi presidente americano no período de 1961-1963, quando morreu assassinado.

¹³³ A ONU, Organização das Nações Unidas, foi instituída em 1946 como um bloco de países em prol da paz mundial.

¹³⁴ Krushev foi premier da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) a partir da morte de Stalin, em 1956. Denunciou os crimes stalinistas e iniciou parcialmente uma revisão. Esta não se tratou de uma verdadeira mudança na política interna e externa soviética, mas de mudanças marginais e do despontar de movimentos nacionalistas e antiburocráticos nos países da Europa Oriental. PASQUINO, Gianfranco. ‘Stalinismo’. In: BOBBIO, N. Op.cit., p.1223.

¹³⁵ O termo *neutralismo* era usado para indicar a atitude de grupos de países que rejeitavam a lógica da divisão entre os blocos comunista e capitalista. BIANCHI, Giorgio. ‘Neutralismo’. In: BOBBIO, N. Op.cit., p.824.

¹³⁶ Joseph Broz, mais conhecido como Marechal Tito, foi ditador da Iugoslávia mantendo a região unificada após a Segunda Guerra Mundial. Teve o não-alinhamento como opção política de oposição aos blocos da Guerra Fria. OSTELLINO, P. ‘Não-alinhamento’. In: BOBBIO, N. Op. cit., p.813.

¹³⁷ Gamal Abdel Nasser era presidente do Egito na primeira metade da década de 60. Foi um dos líderes políticos defensores do neutralismo.

¹³⁸ O líder indiano J. Nehru, foi pioneiro do não-alinhamento. Concebeu o neutralismo sobretudo como rejeição da Guerra Fria em chave anticolonial. OSTELLINO, Piero. ‘Não-alinhamento’. In: BOBBIO, N. Op.cit., p.813

O Maoísmo, vertente baseada em Mao-Tse-Tung, líder da Revolução Comunista chinesa, colocou-se como uma concepção alternativa para os movimentos considerados revolucionários a partir dos anos 60. Desta maneira, a República Popular da China e a URSS acabaram por romper relações e a competirem no âmbito da influência comunista no mundo. Com o surgimento desta bipolarização no comunismo internacional, onde a URSS colocava-se com um discurso contrário à Guerra Atômica, diferentemente da China, o jornal *Última Hora* passou a negativizar a China (“China apoiará guerra atômica: será o fim do capitalismo”. *Última Hora*, 02/01/63, p.4) e a elevar Krushev:

“Não queremos construir o comunismo sobre ruínas e cinzas” (*Última Hora*, 02/01/63, p.4); “Krushev recomenda paz e democracia para instaurar o socialismo no mundo” (*Última Hora*, 17/01/63, p.5); “Russos à ONU: sem a China não pode haver desarmamento” (*Última Hora*, 17/10/63, p.1).

Para o *Última Hora* a “coexistência pacífica” representava a solução para os problemas mundiais (“Papa apela aos dois blocos para que cessem a Guerra Fria”, *Última Hora*, 29/09/61, p.1; “Mensagem do papa prega coexistência pacífica”, *Última Hora*, 26/12/63, p.1). A “democracia cristã” colocava-se, para o jornal, como o regime político mais ajustado ao desenvolvimento dos países, sobretudo ao comunismo.

A corrida espacial foi representada com delírio: “Rússia pronta para dominar o cosmo” (*Última Hora*, 21/11/63, p.1). Mas foi o “perigo de guerra atômica” que colocou-se em evidência nos três jornais. O imaginário de pavor, frente à “destruição mundial”, foi despertado:

“lanques não deixarão Guantanamo¹³⁹: URSS acusa EUA de levar o mundo às portas de nova Guerra Mundial ”(*Correio do Paraná*, 05/01/61, p.1); “Krushev ameaça: guerra vai riscar Ocidente do mapa” (*Última Hora*, 10/07/61, p.1); “Krushev anuncia: Rússia tem superbomba nuclear: nova bomba pode destruir 5.000 Hiroshimas de uma só vez.” (*Última Hora*, 10/08/61, p.1); “Krushev diz que ainda este mês: Rússia fará explodir a sua mais poderosa bomba da história” (*Diário do Paraná*, 18/10/61, p.1).

¹³⁹ Guantanamo era uma base militar americana em solo cubano onde se deram diversos entraves entre os EUA e o governo de Fidel Castro.

Nos jornais *Diário do Paraná* e *Correio do Paraná* os conflitos da Guerra Fria envolveram-se num mecanismo de reforço à negatividade sobre as questões do comunismo, já que este colocava-se como sinônimo de “ditadura totalitária anti-cristã”. O *comunismo internacional* apareceu em tais jornais sempre como uma ameaça, localizando-se quer nas proximidades do Brasil, como o caso de Cuba¹⁴⁰, quer à distância, como a Ásia por excelência¹⁴¹.

As ameaças no continente asiático, na maior parte das vezes, foram representadas como vitoriosas e demonstravam que o perigo encontrava-se em marcha e poderoso:

“Comunistas reconquistaram Xieng Khouang: vitória decisiva no Laos” (*Diário do Paraná*, 03/01/61, p.1); “Carros blindados russos bloqueiam a fronteira de Berlim” (*Correio do Paraná*, 12/10/63, p.1); “Zanzibar proclamada república popular” “teme-se uma Cuba no Oceano Índico” (*Correio do Paraná*, 14 e 19/01/64, p.1).

Na América Latina também o processo encontrava-se manifestante através de Cuba e ameaçava espalhar-se por todo o continente:

“EUA terá revolução semelhante à cubana” (F. Castro, *Diário do Paraná*, 08/03/61, p.1); “América do Sul deve seguir o exemplo cubano” (F. Castro, *Diário do Paraná*, 15/03/61); “Jornal peruano compara governo de Fidel a uma agência soviética” (*Diário do Paraná*, 06/10/61, p.1); “Cuba junta dólares para tentar derrubar o governo venezuelano” (*Correio do Paraná*, 12/10/63, p.1); “Regime Marxista-leninista de Cuba subverte nações da América Latina” (*Correio do Paraná*, 19/12/63, p.1); “Informe da OEA¹⁴²: armas encontradas nas praias venezuelanas são de Cuba” (*Correio do Paraná*, 21/12/63, p.1).

Assim, afirmava-se que “Cuba ameaçava o continente americano”, colocava-se como “ditadura vermelha”, “satélite do comunismo internacional”, estando a “serviço do expansionismo soviético”. Era a “ilha do terror” e colocava-se como um “cavalo de tróia” (*Diário do Paraná*, 11/05/61, p.2). Imagens fortes eram relacionadas à situação de Cuba:

¹⁴⁰ Cuba realizou uma revolução socialista em 1959. Passou, assim, a representar para os anticomunistas uma ameaça no seio da América. Da mesma maneira passou a ser alvo de representações anticomunistas por grande parte de órgãos da imprensa de cunho conservador e liberal.

¹⁴¹ Casos como a China, Laos, Camboja, Vietnã, etc.

“Estabelecida a pena de morte em Cuba para quem praticar atos contra-revolucionários” (*Diário do Paraná*, 04/01/61, p.1); “Mais 100.000 cidadãos cubanos abandonaram o país para se asilar nos EUA” (*Correio do Paraná*, 03/10/63).

Fidel Castro¹⁴³, uma das grande figuras míticas do “mal”, era considerado, nestes dois jornais, o “tirano do caribe”. Ao mesmo tempo “assemelhava-se a Hitler” e era “um instrumento dócil nas mãos de Kruschev e Mao Tse Tung”. Os enunciados das reportagens que tratavam sobre ele apareciam com forte carga imagética e negativa:

“Fidel Castro põe canhões nas ruas da capital cubana” (*Diário do Paraná*, 06/01/61, p.1); “Fidel inicia expropriação a força de caminhões tratores e carretas de cana: transportes” (*Diário do Paraná*, 13/01/61, p.1); “Castro continua em segredo os fuzilamentos para eliminar a oposição” (*Diário do Paraná*, 09/05/61, p.1)

Nos jornais *Diário do Paraná* e *Correio do Paraná* os EUA sempre foram retratados como os “defensores do mundo livre”. Através da *Aliança para o Progresso*¹⁴⁴, buscava-se uma América Latina livre e afastada de toda e qualquer influência comunista através da “luta contra os perigos que nasciam no oriente e que queriam tomar conta do todo o universo” (*Correio do Paraná*, 01/02/61, p.3).

Com esta ameaça aos “valores ocidentais” introjetada no seio da América, cabia ao “povo brasileiro” despertar-se diante do infortúnio da “escravidão”. Colocava-se como imperativo aliar-se ao “mundo livre” na luta contra o comunismo:

“O Brasil como nação de tradições na luta pelas liberdades democráticas, precisa precaver-se adotando uma posição clara e definida contrariamente a desmoralização e a destruição da unidade pan-americana. Até mesmo a omissão, nesta questão significará solidariedade a um movimento político que está divorciado das aspirações do nosso povo.” (*Diário do Paraná*, 11/03/61)

¹⁴² A Organização dos Estados Americanos (OEA) era uma entidade que tinha por finalidade tratar questões relevantes aos países membros, tendo como linha mestra o pensamento dos EUA.

¹⁴³ Fidel Castro foi líder da Revolução Cubana, feita em moldes da teoria marxista-leninista, e governante de Cuba por mais de 40 anos.

¹⁴⁴ A Aliança para o Progresso foi um projeto desenvolvido para implementar a política externa dos EUA em relação aos países latino-americanos.

No jornal *Última Hora*, Cuba e Fidel Castro não são envoltos em sentido negativo, nem imagens fortes são retratadas. Ao contrário, cabia ao Brasil, juntamente com as nações “não-alinhadas”¹⁴⁵, apoiar a “autodeterminação dos povos”. O apoio a abertura das relações entre Brasil, Cuba e os outros países socialistas era explícito nos editoriais. Fidel era retratado como um grande estadista na luta contra o imperialismo e em prol do desenvolvimento de seu país.

2.3 Entre a ‘República Melancia’, o “Comunismo Caboclo” e a “Ku-Klux-Klan Indígena”: as representações anticomunistas envolvendo a questão nacional-reformista da primeira metade da década de 60.¹⁴⁶

Com relação ao contexto brasileiro, o imaginário anticomunista também foi despertado na primeira metade da década de 60. O discurso nacional-reformista do governo e das demandas da sociedade colocou-se como principal motivador das representações anticomunistas, a partir do momento em que bradava por mudanças nas estruturas. Os jornais *Diário do Paraná* e *Correio do Paraná* colocaram-se como porta-vozes destas representações.

Durante todo o governo João Goulart, nos períodos parlamentarista¹⁴⁷ e presidencialista¹⁴⁸, houve a necessidade, por parte do governo, de reforçar que as reformas só seriam feitas “em bases cristãs e democráticas” (J. Goulart, *Correio do Paraná*, 31/07/63, p.1). No entanto, mesmo também representando a obtenção de “emancipação econômica e justiça social”, (*Correio do Paraná*, 20/02/64, p.3) as reformas eram combatidas porque estimulavam o medo de “ataques ao estado de direito” (*Correio do Paraná*, 01/10/63, p.10).

¹⁴⁵ O *não-alinhamento* assumiu a conotação de ideologia autônoma do Terceiro Mundo. OSTELLINO, P. Op.cit., p.813. Entre as Nações não-alinhadas encontravam-se o Egito, a Índia, a Iugoslávia e o Brasil de Goulart.

¹⁴⁶ O subtítulo aplicado trabalha com exemplos de representações retiradas das fontes de análise. A “República Melancia” e o “Comunismo caboclo” foram retirados do jornal *Correio do Paraná*; e a “Ku-Klux-Klan Indígena”, referente ao Movimento Anticomunista, do jornal *Última Hora*.

¹⁴⁷ Após a renúncia do Presidente Jânio Quadros, 24 de agosto de 1961, com o impedimento declarado pelos ministros militares de Goulart assumir a presidência, Tancredo Neves, deputado pelo PSD/MG, estabeleceu através de uma Emenda Constitucional o regime parlamentarista no Brasil.

⁵ Segundo Francisco C. T. da SILVA, João Goulart rompeu em maio de 1962 com o papel decorativo que he tinha sido imposto com o Parlamentarismo. Através de um plebiscito, o presidencialismo retornou em 06 de janeiro de 1963. SILVA, Francisco C. T. ‘A modernização autoritária: do golpe militar à redemocratização . 1964/1984’. In: LINHARES, Maria Y. *História Geral do Brasil*. 5 ed. Rio de Janeiro: Campos, 1990, p.279.

Distintos posicionamentos foram articulados através das representações das reformas. Em meio às diferenças existentes entre os termos *revolução*, *reforma* e *revisão* o jornal *Diário do Paraná* angustiava-se por uma “organização agrária sem comunismo” (*Diário do Paraná*, 30/08/61, p.2) e para isto enunciava, não a reforma, mas o “revisonismo agrário” (*Diário do Paraná*, 17/06/61).

No *Correio do Paraná*, se as reformas fossem feitas, deveriam ser realizadas dentro da “ordem e da legalidade” (*Correio do Paraná*, 01/10/63, p.10). No entanto, as reformas de base eram consideradas “materiais e alheias à religião”, contrariando gravemente a moral cristã. (*Correio do Paraná*, 10/08/63, p.3). O jornal apontava para a “democracia social” como “nova ideologia política, econômica e social, capaz de salvar o país do caos para o qual caminhava”, esmagando planos subversivos tanto da esquerda quanto da direita. A “democracia social” contrapunha-se à “revolução”, preferindo o caminho da “evolução”. (*Correio do Paraná*, 26/01/64, p.3)

O Jornal *Última Hora* debatia-se entre “reformas” ou “revolução social”. A partir de 1963, quando o sistema presidencialista foi realocado, o clamor pelas reformas inflamou-se: “Reformas saem agora ou nunca” (Goulart, *Última Hora*, 16/12/63, p.2); “sem mudar a estrutura atual não venceremos subdesenvolvimento” (Goulart, *Última Hora*, 19/12/63, p.1); “Jango anuncia hoje o ‘rush’ pelas reformas” (*Última Hora*, 18/02/64). Em meio a euforia da luta pelas reformas, o jornal frisava que estas eram “democráticas” e dentro da “legalidade”, não podendo ser confundidas com o “comunismo”. Este significava “estado de exceção” e “perda das liberdades” com o fim das instituições democráticas.

Os rumores e os tramites da *reforma agrária* foram os mais impactantes no imaginário dos jornais anti-reformistas. No *Diário do Paraná* e no *Correio do Paraná*, na maior parte das vezes, a reforma agrária foi considerada “socializante” de “sentido confiscatório” e “anticristã”. Imagens fortes ajudavam a compor suas representações:

“Mantenha uma enxada num canto da casa e um fuzil no outro, o conselho comunista no Nordeste” (*Diário do Paraná*, 17/16/62, p.2); “Fazendeiros pegam em armas para defender seus lares e suas terras” (*Correio do Paraná*, 20/02/64, p.5); “Previsto choque armado entre latifundiários e camponeses em Goiás” (*Correio do Paraná*, 04/03/64, p.1)

Para estes jornais os participantes das ligas camponesas e do SUPRA (Superintendência Pró Reforma Agrária) “agitavam o campo”. Os “agitadores vermelhos” preando-se de “guerrilhas de acordo com exemplos cubanos e chineses” (*Diário do Paraná*, 10/10/61, p.1) faziam parte de um “plano global dos comunistas para a agitação do meio rural por onde pretendem(iam) iniciar a derrocada da democracia e a tomada de poder” (*Correio do Paraná*, 20/04/64, p.5). Assim, em meio à “invasão de terras” iinsuflada pelos “agitadores profissionais” restava aos “fazendeiros adotarem uma defesa da constituição, da família, dos fundamentos da religião de Cristo, o direito da propriedade, a moral e os costumes vigentes”, pegando “em armas para defender suas terras”(Idem.).

No jornal *Última Hora*, em meio à questão “reforma ou revolução agrária” (*Última Hora*, 07/07/61, p.6) Jango denunciava que a a conspiração mais séria e perigosa contra o regime e o Brasil era a “miséria”, podendo “transformar-se num agente de subversão”(*Última Hora*, 11/10/61). Desta maneira, as ligas camponesas não eram apontadas como focos de “infiltração comunista” recebendo verbas vultosas para auxiliar os inimigos da própria república, como colocava o *Diário do Paraná* (08/10/61), mas como “defensoras de 40 milhões de escravos” (F. Julião, *Última Hora*, 07/07/61, p.4). A elas, e à outras reformas, era entregue a chave da salvação do país de uma “revolução social” (*Última Hora*, 19/08/61, p.1).

Enquanto no jornal *Última Hora* os diferentes grupos sociais eram retratados na “luta pelas reformas”, no *Diário do Paraná* e no *Correio do Paraná* suas atuações na sociedade eram “sinal de cataclisma e vitória do comunismo”. Para o vice-presidente da UDN, João Calmon, “a revolução” já tinha sido feita no Brasil. Suas evidências eram as “distinções empregado/empregador; professor/aluno quebrando a estrutura de uma sociedade juridicamente organizada” (*Correio do Paraná*, 22/1/64, p.4). O golpe já tinha sido dado no país. Os democratas encontravam-se afastados do poder e os comunistas e comunizantes apoderavam-se do governo, da universidade, das fábricas e dos campos (*Correio do Paraná*, 04/12/63, p.3).

Utilizava-se a imagem de “mobilização operário-estudantil”. O CGT era sempre acusado em “boatos nos círculos trabalhistas” de participar ou organizar “movimentos armados no país” se utilizando de armas providas de “contrabandos subversivos”. (*Correio do Paraná*, 25/08/63, p.1). Os estudantes “eram armas dos comunistas para derrubar o regime”, eram coniventes à “cubanização” e se

utilizavam de métodos e técnicas comunistas (*Correio do Paraná*, 25/10/63, p.3). A União Nacional dos Estudantes encontrava-se movimentando “milhões e financiando a subversão no país” (*Diário do Paraná*, 23/08/63, p.4).

Havia “agentes subversivos” infiltrados nas ligas camponesas, no CGT, na SUPRA, na UNE com planos de “ação comunista” visando “agitar o país”. A UNE e o CGT encontravam-se com a “tarefa sinistra de demissão institucional brasileira”; enquanto que também a UNE e o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB)¹⁴⁹ deveriam estar “satisfeitos com o passo de comunização do país”, após aplicações do método de alfabetização Paulo Freire¹⁵⁰ no Nordeste. Era uma luta entre os “verdadeiros estudantes que preza(va)m e ama(va)m o país” e o “comunismo caboclo” (*Correio do Paraná*, 22/02/64, p.3)

Apenas uma manifestação dos estudantes da Faculdade de Filosofia de São Paulo em 1964 rendeu diversas representações. Desde um título bastante incitador, “Baderna de estudantes comunistas na faculdade de filosofia”, até formas de nominar os estudantes frutos de um rico imaginário: “baderna dos vermelhos” ; “estudantes cor de rosa”; “licenciados da oposição ou da faixa vermelha”; “chacais”; “vermelhinhos agitadores”; “lenininhos”; “vermelhos da filosofia”. Para que estes “certos estudantes” estimulassem a “baderna dos vermelhos” foram utilizadas “velhas táticas que os êmulos de Moscou recomenda(va)m com tanta propriedade” (*Correio do Paraná*, 09/01/64 e 17/01/64, p.4).

O *Diário do Paraná*, em especial, talvez por sua filiação com o grupo IPES/IBAD, foi o vencedor em questão de criatividade ao espalhar o rumor do “perigo comunista” durante os quatro anos analisados. Várias foram as formas em que o comunismo e seus integrantes apareceram enunciados em suas manchetes, notícias e editoriais:

“rush vermelho” (*Diário do Paraná*, 16/05/62, p.2); “emboscada vermelha” (*Diário do Paraná*, 08/05/62); “doutrinas totalitarísticas de esquerda” (*Diário do Paraná*, 16/05/62, p.2); “infiltração esquerdista” (*Diário do Paraná*, 26/05/62, p.2); “ameaça totalitária”, “novo monstro totalitário”, “imperialismo soviético” (*Diário do Paraná*, 24/06/62, p.2); “infiltração comunista” (*Diário do Paraná*, 22/11/62, p.3); “comuno-peleguismo” (*Diário do Paraná*, 16/07/63, p.2); comuno-arruaceiros (*Diário do Paraná*, 24/07/63, p.2); “verde-amarelos rubros” (*Diário do*

¹⁴⁹ Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) era uma sociedade intelectual que visava refletir sobre questões da sociedade brasileira.

¹⁵⁰ O Método Paulo Freire de educação era usado para a alfabetização de adultos, principalmente em diversas cidades do interior nordestino.

Paraná, 26/07/63, p.2); “terrorismo” (*Diário do Paraná*, 06/08/63, p.1); “Ditadura” (*Correio do Paraná*, 04/12/63, p.3); “perigo comunista, perigo vermelho” (*Correio do Paraná*, 17/12/63, p.3); “ratos vermelhos” (*Diário do Paraná*, 28, 01/64, p.2); “agentes de Arraes” (*Diário do Paraná*, 02/02/64, p.2); “dispositivo comuno-petebista”; “comuno-nacionalistas”; “esquerdistas”; etc.

Tanto para o *Diário do Paraná* quanto para o *Correio do Paraná* os comunistas encontravam-se infiltrados em todos os âmbitos da sociedade buscando sufocar as “liberdades democráticas e individuais”. Pretendiam “escravizar o homem e iludir o povo com a miragem marxista” (*Diário do Paraná*, 24/06/62, p.2); a “desmoralização de nossas instituições” (*Correio do Paraná*, 05/01/664, p.3); a bolchevização e a “comunização do país” (*Correio do Paraná*, 04/12/63, p.3).

Desta maneira denunciavam uma “marcha revolucionária” que se encontrava em andamento na sociedade brasileira (*Diário do Paraná*, 09/11/61, p.1) com planos de comunização do país (*Correio do Paraná*, 20/02/64, p.4). Os “boatos” sobre a influência de “minorias ativas da extrema esquerda”, os “agentes da subversão”, organizados em movimentos que forçavam a “marcha veloz do país em rumos revolucionários” (*Diário do Paraná*, 16/12/63, p.2) eram registrados cotidianamente nos jornais de espírito anticomunista.

Assim, a infiltração comunista era mostrada disseminada em todos os setores da vida nacional (*Diário do Paraná*, 22/11/61, p.3). Os “agitadores comunistas”, insuflavam a invasão de terras e de engenhos (*Diário do Paraná*, 14/08/63; *Correio do Paraná*, 30/08/63, p.1 e 20/02/64, p.5), infiltravam-se na imprensa (*Diário do Paraná*, 26/01/64, p.2), no movimento dos comerciantes (*Diário do Paraná*, 14/07/63, p.1), nos meios trabalhadores e estudantis (*Diário do Paraná*, 11/11/61, p.3; *Correio do Paraná*, 25/08/63, p.1 e 26/02/64, p.3), e encontravam-se censurando os serviços postais (*Diário do Paraná*, 24/10/63, p.3).

A rebelião de sargentos em Brasília¹⁵¹ gerou diversos boatos e criou novas representações. Segundo o jornal *Correio do Paraná*, “os sargentos pretendiam instalar a República Popular Socialista”. Na sequência o jornal explicava que “o movimento era para uma república melancia, isto é, verde-amarela por fora e vermelha por dentro.” (*Correio do Paraná*, 18/09/63, p.1). Num outro dia, o mesmo

¹⁵¹ A rebelião de sargentos, que ocorreu em Brasília no dia 18 de setembro de 1963, a qual gerou uma onda de boatos, foi apenas uma tentativa de quebra de hierarquia dentro das Forças Armadas. Entre suas finalidades estava conquistar elegerabilidade e revisão nos regulamentos.

jornal afirmava que a república que os sargentos queriam formar era “democrática”, anunciando que entre seus objetivos estavam a elegibilidade e a revisão nos regulamentos das Forças Armadas. (*Correio do Paraná*, 21/09/63, p.3).

O país era retratado dentro de um “clima de agitação implantado pelos comunistas” (*Correio do Paraná*, 14/11/63, p.3). Através de seus “congressos comunizantes” e “passeatas avermelhadas” incitavam os choques ideológicos entre homens de direita e de esquerda (*Correio do Paraná*, 04/02/64, p.3) despertando entraves entre o “extremismo comunista e o extremismo anticomunista” (*Diário do Paraná*, 31/10/63, p.3).

Leonel Brizola encontrava-se quase sempre retratado em meio a “movimentos revolucionários”, conspirações, propaganda e pregações subversivas (*Diário do Paraná*, 08/01/64, p.1 e 23/01/64, p.3). Estarrecedoras revelações entregaram a ele a chefia do “Movimento Revolucionário Comuno-Petebista”, de 31 de dezembro de 1959 (*Diário do Paraná*, 09/05/61, p.1). Foi chamado de “Fidel de Bombachas” e “tonitroante revolucionário” (*Diário do Paraná*, 26/05/62, p.2), pois segundo o próprio Luís Carlos Prestes, poderia realizar no Brasil o que Fidel fez em Cuba (*Diário do Paraná*, 07/01/64, p.3).

O Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) foi acusado de possuir programa comunista. A emenda constitucional apresentada por ele para a reforma agrária concidia com o ponto do programa mínimo do Partido Comunista em 1955, divulgado pela revista *Komunist de Moscou*. Assim, denunciava-se que por trás do PTB estavam os “comunistas que deseja(va)m promover agitações e criar um clima de desordem e de subversão para as instituições democráticas” (*Correio do Paraná*, 14/09/63, p.3).

O governador de Pernambuco Miguel Arraes¹⁵² e o deputado Francisco Julião, também pernambucano e líder das Ligas Camponesas, também eram acusados de “relações sinistras com os comunistas”. Pernambuco sempre encontrava-se em meio a “ondas de terror” (Recife, *Correio do Paraná*, 09/10/63, p.3) e “climas de agitação implantados pelos comunistas” (*Correio do Paraná*, 14/11/63, p.3). Os “vermelhos” agiam com o apoio de Arraes (*Diário do Paraná*, 29/01/64, p.2) e seus “agentes” estendiam sua ação subversiva criando clima de guerra civil no Estado da Paraíba (*Diário do Paraná*, 02/02/64, p.2).

Adhemar de Barros e Carlos Lacerda foram colocados, em ambos os jornais, como denunciadores das “atividades subversivas que visavam a destruição do país”. No entanto, por mais “perdida’ que se coloca a situação nacional quanto aos “comunistas e comunizantes”, Carlos Lacerda proclamava que ainda era “tempo de unir o país contra a inexorável marcha vermelha” (*Diário do Paraná*, 06/12/63, p.2)

Desta forma se proclamava a união nacional para a conservação das “tradições democráticas” visando resguardar a “liberdade de pensamento” e de “culto e amor a Deus” (*Correio do Paraná*, 13/12/63, p.3). A pátria deveria ser preservada de acordo com o recebido dos antepassados: livre, cristã e democrática (*Diário do Paraná*, 27/08/61, p.3).

Queimava-se, “em praça pública o símbolo da foice e do martelo advertindo que (se) estava batizando o comunismo com fogo” (*Diário do Paraná*, 11/07/63, p.1). Homenageavam-se as vítimas da Intentona de 1935 (*Diário do Paraná*, 27/11/63, p.1) e ameaçava-se lutar bravamente caso os comunistas quisessem trocar a cor da bandeira brasileira pelo vermelho (*Diário do Paraná*, 24/12/63, p.2).

Tais jornais expunham que bispos baianos colocavam-se na defesa das “instituições democráticas” não se omitindo na luta do ‘bem contra o mal’, das ‘luzes contra as trevas’, ‘do heroísmo contra a covardia’ (*Correio do Paraná*, 12/03/64, p.3). Movimentos anticomunistas articulavam-se na “defesa das tradições”. Como exemplo o “anticomunismo de saias” pegava fogo com a criação de uniões cívicas femininas em diversas cidades paranaenses (*Correio do Paraná*, 05/03/64, p.3).

Entrava no ar a “Rede da Democracia¹⁵³”, para defender o regime e a constituição, esclarecendo os menos avisados sobre a campanha que os comunistas e outros agitadores faziam para perturbar os espíritos e enfraquecer as instituições e substituí-las por outras de caráter totalitário. (*Diário do Paraná*, 26/10/63, p.10) A Rede da Democracia alertava o povo brasileiro “contra o movimento de recuo do martelo”. (*Diário do Paraná*, 07/01/64, p.2).

Para os jornais *Correio* e *Diário do Paraná* o comunismo colocava-se desde sua essência incompatível com o cristianismo (Montoro, *Diário do Paraná*, 13/11/63,

¹⁵² Miguel Arraes era governador de Pernambuco, na primeira metade da década de 60, e também defensor das teses nacional-reformistas.

¹⁵³ A Rede da democracia era transmitida pelas rádios Tupi, Globo e Jornal do Brasil, às 22:30. Colocou-se como um programa contrário às reformas do Governo Goulart. Nascimento Brito, Roberto Marinho e João Calmon (Vice-presidente da UDN), diretores das emissoras abriram as atividades da Rede da Democracia com discursos anticomunistas visando alertar à população sobre o perigo comunista.

p.2). A necessidade de um “rearmamento moral” imprimia-se como forma de endireitar o mundo e o Brasil (*Diário do Paraná*, 23/08/61). Ideais do *Integrismo católico* eram transmitidos principalmente através do *Diário do Paraná*. Uma “reforma da mentalidade” deveria ser realizada pela elite brasileira. Através da “Revolução moral”, sem derramamento de sangue, as “instituições democráticas seriam aprimoradas”, o “capitalismo humanizado” e a “avalanche vermelha” seria contida. Caso, esta não fosse feita, se cairia “nas mãos dos soviéticos” e assim, também, “toda a América Latina”. (*Diário do Paraná*, 07/07/63, p.2).

O posicionamento político do jornal *Última Hora* de apoio ao Governo Goulart rendeu representações completamente diversas das expostas nos jornais *Diário* e *Correio do Paraná*. Questões relacionadas com às reformas de base aos movimentos estudantil, operário e camponês, e aos problemas sociais eram colocadas como “necessidades democráticas”, ou para que a democracia tivesse continuidade no Brasil. Assim, ao contrário da relevância que os dois primeiros jornais deram ao “combate ao comunismo”, o *Última Hora* lutava contra o “anticomunismo” e a atitude “reacionária da direita”.¹⁵⁴

Raras foram as vezes em que o jornal utilizou-se das palavras comunismo ou comunista, sem ser para informações estrangeiras ou para analisar aspectos relacionados aos movimentos anticomunistas. O Partido Comunista Brasileiro (PCB) e sua figura máxima Luís Carlos Prestes poucas vezes foram citados, com exceção de manifestações favoráveis a sua legalização (*Última Hora*, 21/08/61, p.4; 26/08/61, p.3). Para o *Última Hora* o PCB já não representava uma mentalidade estritamente revolucionária. O partido passava a compreender, através de sua vasta experiência, que as massas brasileiras já não queriam apenas os fins, mas também os meios para o alcance da “emancipação”. (*Última Hora*, 29/10/61, p.4)

O nacional-reformismo inerente ao jornal *Última Hora* não deu muita importância à questão do comunismo. Não que se posicionasse favorável a este, ao contrário. Vários foram os momentos em que através da afirmação de seus preceitos democráticos, o jornal demonstrou seu posicionamento contrário ao

¹⁵⁴ Não foram raras as vezes em que o Jornal *Última Hora* foi acusado, por elementos mais conservadores ou liberais da sociedade brasileira, de ser conivente com os “comunistas” ou de ter parte de seus jornalistas sendo integrantes do PCB. O Movimento Anticomunista (MAC) várias vezes realizou ataques materiais ou jornalísticos à rede nacional deste jornal. Haja vista os atentados ocorridos no Paraná no início de janeiro de 1962 (*Última Hora*, 10-15/01/62) que despertaram atenção de diversas personalidades públicas desgostosas com o ocorrido (ministros, Tancredo Neves, João Goulart, Leonel Brizola, Magalhães Pinto, Franco Montouro, etc.).

sistema político do *comunismo real*. A defesa da “legalidade” e da “democracia” contra qualquer forma de regime de exceção, ao lado da luta pelas “reformas de base” eram suas principais metas.

Assim, durante o período de 1961 a 1964, o combate ao chamado “golpismo de direita”, grande inimigo das reformas propaladas, colocou-se entre seus principais assuntos:

“Golpistas tentam impedir a posse: ‘operação mosquito’ para derrubar o avião de Jango”(*Última Hora*, 05/09/61, p.1); “conspiração dos gorilas” (*Última Hora*, 28/5/62, p.1); “CGT denuncia: greve em Santos é pretexto para golpe tramado por Lacerda e Adhemar”(*Última Hora*, 4/9/63, p.1); “onda de boatos da direita prepara clima golpista (*Última Hora*, 18/9/63, p.2); “Conspirata em Marcha” (*Última Hora*, 02/10/63, p.1); “governo confirma: armas eram para matar Jango (*Última Hora*, 14/10/63, 1p.); “Oposição arma golpe do ‘impeachment’” (*Última Hora*, 27/03/64, p.4); “Reação está fazendo o jogo comunista” e “arma golpe final contra o governo de Jango”(*Última Hora*, 30/03/64, p.2-3).

Os integrantes do “golpismo de direita” eram “os play-boys da política”, os “reacionários in consequentes” (*Última Hora*, 13/01/62, p.3); “os gorilas” (*Última Hora*, 29/1/62, p.1), os “falsos arautos da democracia”(*Última Hora*, 18/12/63, p.1) e os “criadores de fantasmas” (*Última Hora*, 22/2/64, p.4). Sempre era “a velha conspiração” (*Última Hora*, 22/8/61, p.4) que se articulava para conter os “avanços democráticos”.

Entre algumas subdivisões dos “reacionários golpistas” estavam: o “criminoso movimento anticomunista”, a “ridicularia do Heck”, “o bestialógico da Frente Democrática Parlamentar”, “o incurável safadismo de Lacerda”, a “tatibiante Frente Popular Democrática” (*Última Hora*, 15/01/62, p.3) e, entre outros, a “ideologia com tutu” do ex-integralista Plínio Salgado e de Adhemar de Barros (*Última Hora*, 22/01/63, p.3). Entre estes, Carlos Lacerda foi o “golpista” campeão e o movimento anticomunista (MAC) o “terrorista”.

Lacerda era “contra a honra do povo e dos dirigentes”; “não servia aos interesses desse país, mas outros”; agia contra o Brasil e xingava o povo trabalhador com as suas imundíces (*Última Hora*, 31/10/63, p.2). Além de ter sido retratado em quase todas as conspirações de direita, foi o que mais despertou o imaginário dos jornalistas do *Última Hora*:

o “corvo”, o “matamendigo”, o “antinacional” (*Última Hora*, 31/10/63, p.2); “sempre o mesmo” (*Última Hora*, 3/10/63, p.2); “o Hitler caboclo” (*Última Hora*, 11/3/64, p.4); “o mau-brasileiro”, o “traidor” (*Última Hora*, 22/10/63, p.1); “Füher” (*Última Hora*, 5/3/64, p.4); o “antipovo feito carne” (*Última Hora*, 13/2/64, p.4), etc.

O Movimento Anticomunista (MAC) foi representado como a “Ku-Klux-Klan Indígena” (*Última Hora*, 29/03/62, p.3). Era mostrada como uma “organização terrorista”, com atos “terroristas” ou “sensacionalistas” e estava a soldo do dólar americano (*Última Hora*, 15/01/62, p.3).

O jornal *Última Hora* combatia as representações anticomunistas entregue ao Governo Goulart e ao discurso nacional-reformista. “Sob o pretexto de combater o comunismo” as “forças do golpe que tramam uma ditadura de direita no Brasil”, visavam o enfraquecimento das forças armadas e a desmoralização do governo (*Última Hora*, 29/05/62, p.6). Para o jornal,

a trama contra o comunismo que se tinha no Brasil era um mito que se havia criado através daqueles que ganhavam dinheiro dos grupos econômicos da direita, que procuravam atrofiar o desenvolvimento do País e que tentavam por todos os meios, dar um golpe contra as instituições democráticas. Muito maior perigo que o comunismo era a organização terrorista, o MAC (Deputado Pedro Liberti, *Última Hora*, 10/01/62, p.3).

Para parte da elite dirigente, entre ela jornais como o *Diário do Paraná* e o *Correio do Paraná* a inquietação no país devia-se apenas à infiltração comunista. Já o jornal *Última Hora* ressaltava que o que a elite chamava de “infiltração comunista” era o fato do “povo ter mais discernimento dos fatos”. “Miséria, fome e desespero”, assim como “exploração e aviltamento”, não podiam ser interpretados como “idéia” ou “ideologia exótica”, integrantes de uma “ameaça comunista”. (*Última Hora*, 22/10/63, p.2)

Paralelas às representações do “perigo comunista” em marcha, disseminadas pela imprensa anticomunista, o *Última Hora* representou continuamente uma conspiração de direita rondando o governo:

“O trem fascista já se havia posto em movimento em sua marcha transamericana”. O “fascismo” não usava mais “camisas-verdes” nem necessitava de “grandes desfiles”. Disfarçava-se de “populismo

bonacheirão” ou “comportamento ético-moral” (*Última Hora*, 15/10/63, P.6).

Há que se fazer uma ressalva no que diz respeito ao jornal *Correio do Paraná*, quanto ao teor de seu anticomunismo. Distinto do jornal *Diário do Paraná* que era da cadeia dos Diários Associados e do Grupo IPES/IBAD e encontrava-se completamente vinculado aos articuladores da desestabilização do Governo Goular, o *Correio do Paraná* era um órgão mais preocupado com temas locais do Estado do Paraná. Através de sua análise pode-se caracterizá-lo como um retransmissor de “boatos”, e não como um gerador destes.

Isto pode ser melhor explicado a partir da análise da contradição interna do jornal. O *Correio do Paraná* noticiava os movimentos e planos golpistas considerados da esquerda, como se pode observar na exposição anterior, mas não deixava de informar sobre os planos subversivos da denominada “direita reacionária”.

No jornal *Diário do Paraná* Carlos Lacerda sempre foi o “democrata” e suas atitudes legitimavam-se na medida que a democracia necessitava ser defendida. O *Correio do Paraná* trazia tanto Carlos Lacerda na denúncia de planos ou de infiltrações comunistas (*Correio do Paraná*, 18/01/61, p.3; 02/10/63, p.1) quanto como um dos líderes reacionários da direita envolvido em subversões (*Correio do Paraná*, 01/10/63, p.2; 04/10/63, p.3; 29/02/64, p.1). Como exemplos da denúncia ao “reacionarismo” contido em Lacerda pode-se citar algumas representações relacionadas a ele: “Inflação dos corvos com a chegada de Lacerda” (*Correio do Paraná*, 29/02/64, p.1); “a serviço do golpismo” e “jornalismo amarelo” (*Correio do Paraná*, 07/04/64,p.3)

Além disso, por vezes o jornal denunciou a “indústria do anticomunismo. A coluna Janela Indiscreta, nominada “Sindico - ASA - comunismo” coloca-se como um exemplo:

Um edital afixado na galeria do Edifício Asa, pelo síndico e médico Hino Fontanelli, movimentou as autoridades policiais. Constava que o Edifício Asa estava sendo “vítima de um vasto complô comunista” visando tomar posse do mesmo. Os policiais encarregados do caso chegaram à conclusão de que o autor do edital estava sendo vítima da indústria do anticomunismo que bombardeia a população com notícias ridículas, absurdas e fantasiosas, fazendo com que os mais crédulos vejam << monstros esquerdistas >> por toda parte. (*Correio do Paraná*, 17/09/63, p.4)

CAPÍTULO III

AS REPRESENTAÇÕES ANTICOMUNISTAS E O GOLPE MILITAR CONTRA O GOVERNO GOULART.

O Governo Goulart foi vítima constante de representações anticomunistas na imprensa. O discurso nacional-reformista da época despertou, no imaginário de setores mais conservadores da sociedade a “insegurança”. Predominava o “medo” da ruptura com valores sociais como Deus, família, Pátria, propriedade, e assim, da perda das “liberdades individuais” e “democráticas”.

Parte da imprensa agregou às representações de João Goulart, de seu governo e dos grupos que apoiavam as reformas, símbolos de “caos”, “desordem”, “anarquia”, “ameaça comunista” ou “sindicalista”. Colaborando na construção de *verdades locais*, reelaborou o mundo em razão de imperativos político-ideológicos. Efetivou, assim, a circulação de que o “fantasma do comunismo” rondava o país fazendo-se evidenciar nos boatos de golpe que se espalharam durante o período.

Já nos jornais de apoio ao Governo Goulart e suas teses nacional-reformistas, as representações foram outras. Tanto o governo quanto as reformas eram “democráticos” e “legais”. A ameaça que se colocava para a Nação era a “Ditadura reacionária de direita”.

O embate de representações em torno do Governo Goulart acirrou-se quando, a partir de meados de 1963, o discurso reformista inflamou-se. Assim, todos os eventos que ocorreram, desde a tentativa de Estado de Sítio¹⁵⁵, o Comício pelas Reformas de Base¹⁵⁶ e as Marchas com Deus pela Família e Liberdade¹⁵⁷, colocaram-se como momentos privilegiados para posicionamento frente ao reformismo. Também, no caso dos jornais anti-reformistas, que se utilizaram do

¹⁵⁵ O Governo Goulart, em meio a crise, tentou decretar “Estado de Sítio” em meados de setembro de 1963. A tentativa foi esvaziada pelos ministros militares.

¹⁵⁶ O “Comício pró reformas” foi realizado no dia 13 de março de 1964 na Estação Central do Brasil, na Guanabara, por entidades sindicais e segmentos políticos considerados de esquerda.

¹⁵⁷ As “Marchas com Deus pela Família e Liberdade” foram organizadas em diversas cidades brasileiras, principalmente na última quinzena de março de 1964. Eram consideradas, por seus organizadores, como manifestações cívico-religiosas, e tinham por finalidade demonstrar oposição ao “comunismo”.

anticomunismo para o combate, tais momentos foram importantes na preparação do golpe que se seguiu.

Neste capítulo buscar-se-á trabalhar as representações dos jornais analisados feitas sobre *João Goulart*, o *Comício pró Reformas de Base* e as *Marchas com Deus pela Família e Liberdade*. Além disso, tentar-se-á analisar as representações realizadas sobre o *Golpe Militar* de primeiro de abril de 1964.

3.1 Representações Anticomunistas e João Goulart

A política de Goulart foi ainda caracterizada dentro dos *molde populistas*¹⁵⁸. Suas contradições explicitam-se através da análise de seu discurso nacional-reformista, de suas variadas alianças político-partidárias e de seu apoio fundamentado na massa organizada, nos sindicatos e no Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

João Goulart, desde suas medidas trabalhistas, durante seu cargo de Ministro do Trabalho durante o segundo Governo Vargas, despertou desconfiança de segmentos mais conservadores da sociedade. Da mesma forma, também foi retratado com ambiguidade por grande imprensa brasileira.

Os órgãos, como o *Última Hora*, favoráveis a seu discurso reformista cultuaram-no como grande líder. Já naqueles jornais de cunho mais liberal ou conservador, para quais segmentos sociais as reformas possuíam “caráter socializante”, e assim eram sinônimo de comunismo, João Goulart recebeu diversas representações anticomunistas. Entre estes encontravam-se o *Diário do Paraná* e o *Correio do Paraná*.

Em 1961, após a renúncia de Jânio Quadros, quando Jango¹⁵⁹ deveria ocupar o cargo de Presidente da República, a imprensa noticiou sua obstrução requerida pelos ministros militares. A sua viagem à URSS e a China Comunista, como vice-presidente, havia tornado “clara e patente a sua incontida admiração ao

¹⁵⁸ Segundo Ludovico INCISA, compreende-se por *populistas* as formas políticas cuja fonte principal de inspiração e termo constante de referência é o povo, considerado como agregado social homogêneo e como exclusivo depositário de valores positivos, específicos e permanentes. O conceito de povo não é racionalizado, mas intuitivo. Desta maneira, o populismo utiliza-se do apelo à força regeneradora do mito: o mito do povo é o mais fascinante e obscuro ao mesmo tempo, o mais imotivado e o mais funcional na luta pelo poder político. INCISA, Ludovico. ‘Populismo’. In: BOBBIO, N. Op.cit., 980-6.

¹⁵⁹ João Goulart era conhecido como JANGO, a fusão de suas sílabas iniciais.

regime desses países” (Manifesto à Nação dos ministros militares, *Última Hora*, 31/08/61, p.6). Além disso, Goulart foi envolto, pelos ministros, em aspectos de seu passado considerados “sombrios”:

“claras tendências ideológicas”, “incentivo a agitações e manifestações grevistas” e “favorecimento de infiltração de agentes do Comunismo Internacional em postos chaves”. (Manifesto à Nação dos ministros militares, *Última Hora*, 31/08/61, p.6).

Como solução do impasse, foi estabelecido através de uma Emenda Constitucional o regime Parlamentarista no Brasil. Desta maneira, Goulart assumiu seu posto em 1961 com um poder meramente decorativo e sem receber apoio de muitas personalidades políticas influentes. Aliado a isto, a imprensa americana também opinava que Jango era “inaceitável”:

“O sr. João Goulart constituir-se-á sem dúvida alguma, no mais evidente incentivo a todos aqueles que desejam ver o País mergulhado no caos, na anarquia e na luta civil “. (*Diário do Paraná*, 31/08/61, p.1).

A linhagem político-ideológica de cada jornal influenciou nas formas de representar o Presidente Goulart. Assim, semelhante ao tratamento dado à questão nacional-reformista, o *Diário do Paraná* entregou a João Goulart larga escala de denominações relacionadas ao tema “comunismo”. O jornal se utilizou de uma grande gama de símbolos e de imagens fortes para retratar Jango.

Goulart apareceu neste jornal como o “aprendiz de Vargas”, “galo de crista rubra” (*Diário do Paraná*, 06/08/63, p.2), “presidente vermelho” (*Diário do Paraná*, 05/03/64, p.2). Os editoriais do *Diário*, assinados por Assis Chateaubriand, não se conformavam com o fato de Jango ter capitulado aos “filocomunistas”, ao invés de entregar-se aos, como o redator, da “linha democrática”.

João Goulart, contrariando as tradições brasileiras, havia instalado no Brasil uma “República continuísta, popular e peleguista”, a própria “cunhadocracia” (*Diário do Paraná*, 05/04/64, p.2). Exigia-se que cumprisse o seu dever de candidato eleito com os sufrágios de uma “Nação anticomunista e também social-capitalista” (*Diário do Paraná*, 06/08/63, p.2).

O jornal apresentava-o com uma “postura comunista” (idem) que era retirada de suas “rezas pela cartilha vermelha”, esta subdividida em: “cartilha de tártaros e

mongóis”, “cartilha do fidelismo” e “crediário marxista” (*Diário do Paraná*, 27/03/64, p.2). Goulart estava tentando fazer da “Pátria uma caricatura imunda de Cuba” (*Diário do Paraná*, 06/08/63, p.2), já que possuía diretas ligações com o “banditismo fidelista”. (*Diário do Paraná*, 08/08/63, p.1)

Até a suprema corte já havia passado por uma “serena bolchevização”. O *Diário* pontuou que esta encontrava-se executando sua “tarefa soviética”, tendo a chave da sovietação brasileira já sido entregue ao “comuno-nacionalismo” (*Diário do Paraná*, 06/08/63, p.2).

Entre as representações que seguiram, o Governo foi considerado “patológico”, tendo se revelado desde o início “cannestro e calamitoso”. Jango foi o primeiro a adquirir “Vermelhite” e, enfermo, transmitiu a moléstia a tudo o que de sádio existia no país. Seus “Mestres em transfusão” eram Havana, Moscou e Pequim (*Diário do Paraná*, 05/04/64, p.2).

Para o *Diário do Paraná*, Jango possuía uma linguagem “puramente demagógica” (*Diário do Paraná*, 03/01/64, p.3). Era o campeão da “anti-democracia” (*Diário do Paraná*, 12/01/64, p.3), sendo comparado a um “golpista” (*Diário do Paraná*, 23/01/64, p.1) pois era contra a constituição (*Diário do Paraná*, 25/01/64, p.2). Para este jornal tudo que fosse referente às reformas era considerado “perigoso” e “comunista”.

Goulart era apontado como co-autor da “Guerra Revolucionária¹⁶⁰”, realizada pelos comunistas para levar o Brasil ao “julgo soviético” (*Diário do Paraná*, 16/02/64, p.1). Também, não era mais o beneficiário dos comunistas mas um instrumento deles (*Diário do Paraná*, 13/02/64, p.2). Este “comportamento comprometido” durante o seu governo e principalmente no momento de sua queda, quando “foragiu-se como um criminoso”, ajudou a desmascarar o “falso líder dos pobres e oprimidos” e o “falso amigo dos trabalhadores” (*Diário do Paraná*, 04/04/64, p.3).

O jornal *Correio do Paraná* retratou o presidente João Goulart de uma forma ambígua. Apresentou Jango confessando-se “anticomunista e ardoroso defensor da democracia” (*Correio do Paraná*, 20/10/63, p.3). Entregou várias vezes a palavra ao presidente ou a integrantes de seu governo para falar em prol das “reformas de base” ou rebater críticas:

¹⁶⁰ Enquanto nos jornais anti-reformistas circulavam boatos de uma suposta “Guerra Revolucionária”, compreendida pelos comunistas para alcançar o poder, os jornais reformistas rebatiam com as

“João Goulart diz que não quer atingir patrimônio de ninguém” (*Correio do Paraná*, 21/11/63, p.3) e que seus sentimentos representam o de todo o povo brasileiro (*Correio do Paraná*, 23/11/63, p.1); Jurema¹⁶¹ responde a denuncia do presidente da UDN de que Goulart planejava um golpe afirmando que isto era literatura de folhetim, pobreza da imaginação, não pautava-se em fato concreto e que o distinto deputado havia aderido ao fantasioso tão ao gosto de Carlos Lacerda (*Correio do Paraná*, 24/01/64, p.3)

Por outro lado Jango era “um fora da lei convicto” que deixou de governar para “incentivar os subversores da ordem e da legalidade” (*Correio do Paraná*, 29/08/63, p.3). Seus propósitos eram “golpistas” (*Correio do Paraná*, 01/09/63, p.3) e suas atitudes eram “despóticas” com a intenção de levar o país a um “regime de exceção” (*Correio do Paraná*, 05/09/63, p.3). Para isto, ele pregava a “revolução” e “sonhava com a República Sindicalista e com a Ditadura” (*Correio do Paraná*, 14/12/63, p.3).

Tal ambiguidade detectada no jornal *Correio do Paraná* deve-se, como já foi apontado no segundo capítulo, ao fato do jornal possuir horizontes mais locais, não fazendo parte de nenhuma rede jornalística. Sobre Jango, suas representações provinham, em grande medida, de leituras de outros jornais de cunho nacional. Assim, o jornal por vezes fez circular representações favoráveis ao presidente, e, em outras, representações de cunho anticomunista.

No Jornal *Última Hora*, Jango foi retratado como o grande “líder trabalhista”, “patriota” e “digno de estar à altura do Brasil” (*Última Hora*, 06/09/61, p.4). Sendo um órgão de apoio ao trabalhismo, o apoio a Jango era incontestável. Assim, o jornal *Última Hora* encontrava-se, praticamente, impossibilitado de representações negativas do presidente petebista.

Goulart era colocado, pelo *Última Hora*, junto dos principais estadistas mundiais (*Última Hora*, 01/05/62, p.3). Entre suas principais metas estavam “a luta contra o subdesenvolvimento e o colonialismo” (*Última Hora*, 08/09/61, p.1), pelas “reformas de base” e pela manutenção da “democracia” e da “legalidade”.

Goulart recebeu características de tratamento populista do jornal *Última Hora*, na medida em que sua figura, suas vontades e decisões foram sempre apontadas

denúncias de que a “direita reacionária” estava realizando, através de seus boatos, uma “*Guerra Psicológica*” para aumentar suas fileiras de oposição ao Governo Goulart.

¹⁶¹ Abelardo Jurema foi um dos Ministro da Justiça do período Goulart.

como uma dimensão do “povo” e de suas necessidades. Desde a sua posse, onde quer que fosse, era sempre recebido sob “aclamação popular” (*Última Hora*, 01/09/61, p.1), “delírio” e com a “força pública mobilizada” (*Última Hora*, 02/09/61, p.1). Foi retratado sempre, pelo jornal, apoiado pelo povo e pelos diferentes grupos sociais ansiosos pelas reformas (*Última Hora*, 18/10/63, p.1; 21/10/63, p.1; 03/12/63, p.2).

3.2 As representações do ‘Comício Pró Reformas de Base e das ‘Marchas com Deus pela Família e Liberdade’.

A partir do momento em que o discurso nacional-reformista do Governo Goulart radicalizou-se, o imaginário anticomunista também recrudesciu. Desde o retorno do Presidencialismo, no início de 1963, o Governo Goulart e os grupos reformistas ao seu redor “*incendiaram*” a sociedade com as tentativas de reformas. As propostas de encampação das refinarias, as tentativas de assentamento agrário, a propalada reforma universitária, entre outras reformas, foram tema para diversas manchetes, editoriais e notícias tanto nos jornais reformistas quanto nos de oposição.

Principalmente nos jornais anti-reformistas, com uma profunda crise econômica sendo sentida nos quatro cantos do país, o panorama nacional era retratado como à beira do “caos social”. “Vivia-se num clima de pré-ditadura” (*Correio do Paraná*, 05/09/63, p.3), mas “ainda era tempo de unir o país contra a inexorável marcha vermelha” (*Diário do Paraná*, 06/12/63, p.1)

Paralelo a isto, também estimularam-se na sociedade manifestações pró e contra as reformas. A UNE, o CGT, as Ligas Camponesas, os partidos considerados de esquerda, cotidianamente apareciam envolvidos em entraves comunistas em jornais como o *Diário do Paraná* e o *Correio do Paraná*:

“Comunistas em movimento contra imposto” (*Diário do Paraná*, 14/07/63, p.1); “Comuno-arruaceiros em Porto Alegre” (*Diário do Paraná*, 24/07/63, p.2.); “comunistas fichados insuflam invasão de engenhos” (*Diário do Paraná*, 14/08/63, p.2); “milhões movimentados pela UNE financiando subversão no país”, (*Diário do Paraná*, 23/08/63, p.4); “PTB faz programa comunista” (*Correio do Paraná*, 14/09/63, p.3); “Comunização da milícia pernambucana seria fato concreto, denuncia oficial” (*Diário do Paraná*, 26/10/63, p.3.); “Sobral Pinto: estudantes são armas dos comunistas para derrubar o regime”

(*Correio do Paraná*, 31/10/63, p.1.); “Armas de Guerra a camponeses” (*Correio do Paraná*, 1/2/64, p.3).

Por outro lado o anticomunismo também surgia denunciado e retratado nos jornais: “Integralistas deram show de democracia” (*Última Hora*, 27/1/64, p.4); “O que é a Guerra de Bilac Pinto¹⁶².” (*Última Hora*, 19/02/64, p.4); “Anticomunismo de saias” (*Correio do Paraná*, 05/3/64, p.3), etc.

Na imprensa anti-reformista, os “boatos” de golpes e infiltrações comunistas na sociedade brasileira também receberam maior espaço entre as pautas dos jornais. Entre as ondas de boatos de golpes de esquerda que o jornal *Diário do Paraná* circulou encontraram-se:

“Ameaça de golpe configura-se como triste perspectiva para o ano que mal está iniciando” (*Diário do Paraná*, 7/1/64, p.2); “Bilac Pinto apontou na Câmara provas de que João Goulart é golpista” (*Diário do Paraná*, 22/1/64, p.1); “Bilac Pinto reitera ‘comunistas preparam guerra revolucionária’ ” (*Diário do Paraná*, 16/2/64, p.2); “Congresso prepara-se contra possível golpe (referente às manobras de Goulart)” (*Diário do Paraná*, 05/03/64, p.1).

Da mesma maneira, os jornais de apoio ao reformismo e ao Governo Goulart, como o *Última Hora*, colocavam-se na denúncia de “conspirações direitistas”:

“Fracassou golpe direitista para ensanguentar o país no dia 12.” (*Última Hora*, 10/12/63, p.1); “Golpistas voltam a Guerra Psicológica” (*Última Hora*, 11/12/63, p.2); “Direita tenta nova guerra psicológica na Guanabara” (*Última Hora*, 09/03/64, p.4).

Entre os eventos ocorridos em meio a este contexto dois deles despertaram maior número de representações na imprensa: o “Comício pró reformas de Base” e as “Marchas com Deus pela Família e Liberdade”. O primeiro foi uma realização reformista e o segundo anti-reformista. Assim, as formas de representá-los pelos distintos jornais foram bastante particulares.

O “Comício pró reformas” foi realizado no dia 13 de março de 1964 na Estação Central do Brasil, na Guanabara, por entidades sindicais e segmentos

¹⁶² A “Guerra” de Bilac Pinto, presidente nacional da UDN, eram os boatos que eram disseminados na sociedade de que os comunistas, através da chamada “Guerra Revolucionária” estariam tentando assumir o poder no Brasil, transformando-no em mais um “satélite de Moscou”. Jornais reformistas como o *Última Hora*, realizavam denúncias destes boatos, a estes nominando “Guerra Psicológica”.

políticos considerados de esquerda. O *Correio do Paraná* trouxe a confirmação da participação de João Goulart no Comício no dia 28 de fevereiro (*Correio do Paraná*, 28/02/64, p.1).

Neste comício Jango daria início às “reformas sociais brasileiras” (*Correio do Paraná*, 14/03/63, p.5). Entre as suas metas estavam a encampação das refinarias de petróleo e a desapropriação dos latifúndios às margens de rodovias, ferrovias e açudes federais. Este grande comício foi aguardado com “expectativa” e “apreensão” durante dias. “O exército garantiria seu êxito” (*Última Hora* 04 e 09/03/64, p.4 e 1) e eram esperadas “150.000 pessoas, governo e povo na rua”. (*Última Hora* 12/03/64, p1 e 4).

O jornal *Diário do Paraná*, ao mesmo tempo em que deu voz a Goulart, que proclamou que “o comício não colocaria em risco o regime” (*Diário do Paraná*, 12/03/64, p.1), entregou-a também a Adhemar de Barros, para o qual o comício constituía “palavra de ordem da onda de invasões”.

No *Correio do Paraná* o tema foi tratado com a sua ambiguidade habitual. O jornal noticiou desde a ida de operários paranaenses e dirigentes sindicais do Estado para o Comício na Guanabara (*Correio do Paraná*, 07/03/64, p.1; 12/3/64, p.4), até mesmo reproduziu a nota/decreto que Carlos Lacerda fez circular por ocasião do comício:

O Partido Comunista realizará dia 13, sexta-feira (dia de azar), um comício ilegal em zona proibida na Guanabara. Os comunistas escolheram o senhor João Goulart o orador oficial daquela manifestação e o exército decidiu tomar conta e garantir a sua realização transformando o local em zona militar. Em razão disto para os trabalhadores que normalmente passam pelo local do comício (Central do Brasil) não sejam coagidos a lá permanecer é decretado dia facultativo e assim os trabalhadores podem ficar em casa. (*Correio do Paraná*, 08/03/64, p.3).

O *Correio do Paraná*, colocando-se como imprensa local, proporcionou espaço para que políticos paranaenses emitissem opiniões sobre o evento. Assim, reproduziu parte do discurso, na Câmara, do deputado paranaense Hermes Macedo, da UDN:

“É um comício de mau agouro. Não haveria um propósito na escolha desta data (sexta-feira 13)? Não será esse comício e a assinatura do

decreto do SUPRA a senha para se desencadear no país, mais invasões de propriedade, etc...” (*Correio do Paraná*, 08/03/64, p.3).

Da mesma maneira, estendeu seu espaço para outras opiniões sobre as reformas. Entre elas para segmentos católicos de Belo Horizonte, para quem as “reformas eram alheias à religião”, “possuíam caráter confiscatório e socializante, contrariando gravemente a moral cristã e como tais evidentemente deve(ri)m ser combatidas pelos católicos com fundamento na moral cristã” (*Correio do Paraná*, 10/3/64, p.3). Também noticiou a expansão desta manifestação em Curitiba: “católicos protestam contra reformas de base socialistas” (*Correio do Paraná*, 12/3/64, p.3).

O *Correio do Paraná* também anunciou que líderes do comércio, da indústria e da agricultura encontravam-se temerosos, entretanto preparados de “prontidão” para o comício: “uma minoria aventureira ameaça(va) a serena tradição democrática, frisando que as classes produtoras não se deterão frente aos desmandos que perturbem a paz social e a economia do país” (*Correio do Paraná*, 13/3/64, p.2).

Para o *Última Hora* “o clima de inquietação que cerca(va) o comício” “nasceu do medo dos privilegiados” (*Última Hora*, 13/03/64, p.4). A “agitação”, que estava existindo por trás do evento, de que murmuravam outros órgãos da imprensa, era “boato alarmista” (*Última Hora*, 09/03/64, p.4).

O comício legitimava-se, para o *Última Hora*, a partir do momento em que representava “a primeira etapa de concretização” das “reformas de base do presidente João Goulart” (*Última Hora*, 13/03/64, p.4). Nele “milhares de trabalhadores de todas as partes do país” estavam indo à Guanabara hipotecar solidariedade às reformas”(Idem).

Segundo este mesmo jornal os participantes eram: estudantes, operários, camponeses, funcionários públicos, pequenos comerciantes, e enfim, todos aqueles que não faziam parte das chamadas cúpulas econômicas” (Ibidem). Tais grupos, segundo o *Última Hora*, separadamente e em conjunto, vinham promovendo manifestações pela alteração das estruturas em que o País se apoiava: “Greves, passeatas de protesto, comício - enfim, todos os meios de alcance foram utilizados para exprimir o desacordo da grande maioria de brasileiros contra os privilégios de uma minoria” (Ibidem). Eram estas mesmas manifestações retratadas de comunistas pela imprensa anti-reformista.

Na citação que se segue, coloca-se um bom exemplo relacionado ao discurso nacional-reformista referente ao *Comício de 13 de março*. Tal discurso impulsionou movimentos de contra-manifestação e estimulou variados tipos de representações anti-reformistas, muitas delas anticomunistas:

“É um Brasil sem dinheiro, mas cheio de esperança de que o dia da emancipação está próximo. Um Brasil que já fez o diagnóstico de seu principal mal - a espoliação - e descobriu como combatê-lo. Quer as reformas já - porque se esperar, não haverá o que reformar. A mensagem do presidente João Goulart é a identificação de todos os brasileiros com o seu futuro - o futuro de uma Nação jovem e soberana, que nasceu para ser forte e não desviará um centímetro de sua linha de progresso econômico e social. (*Última Hora*, 13/03/64, p.4)

Pelos órgãos da imprensa reformista o comício foi considerado um “sucesso total” (*Última Hora* 14/03/64, p.1); um “espetáculo inesquecível” que havia unido o povo e João Goulart “na luta final pró reformas de base” (*Última Hora* 14/03/64, p.1).

Entre os vários oradores, o presidente dirigiu-se principalmente aos “amigos trabalhadores”, frisando que as “reformas partiam de leis nacionalistas, da vanguarda das lutas democráticas e nacionalistas” (*Correio do Paraná*, 14/03/63, p.5). O *Correio do Paraná*, sempre ambíguo por ser imprensa mais local, reproduziu grande parte do discurso realizado por Goulart. Assim, o jornal noticiou que se proclamava “a luta pela reforma agrária, a encampação, o voto dos analfabetos, a reforma universitária, a reforma urbana, a reforma tributária, a eleitoralesca, a da elegibilidade de todos os brasileiros, pela guerra das linhas democráticas, pela emancipação econômica, pela justiça social e pelo progresso do Brasil”. (Idem.)

Do outro lado, críticas severas foram feitas a Goulart “pelo tom revolucionário de seu discurso” (*Diário do Paraná*, 17/3/64, p.3) e pelos decretos terem sido assinados sob “clima de agitação e subversão” (*Correio do Paraná*, 18/03/64, p.3). Além disso, a encampação das refinarias não passava de “um golpe para a gradativa comunização do Brasil” (*Diário do Paraná*, 18/03/64, p.2). E, para outros, havia sido “proclamada a República Sindicalista do Brasil” (*Diário do Paraná*, 20/03/64, p.3).

Segundo o *Correio do Paraná*, o discurso nacional-reformista, aliado ao comício, colocou em “Pânico” os setores conservadores ou de pensamento próximo,

pois “ecoaram como sintomas de acontecimentos excepcionais que estão(vam) a caminho” (*Correio do Paraná*, 18/03/64, p.3). Tanto que o Partido de Representação Popular, de Plínio Salgado, declarou, no dia 24 de março, que o Brasil estava parcialmente ocupado pelo Partido Comunista (*Diário do Paraná*, 24/03/64, p.2).

O jornal *Correio do Paraná*, entre suas contradições, fez circular uma nota que auxilia na compreensão do imaginário e das infinitas representações negativas feitas sobre o “Comício de 13 de março de 1964” (sexta-feira à noite). Tal nota chamada “Notas negativas”, fez parte da coluna “Nos bastidores”:

“Não houve revolução comunista. Não houve intervenção na Guanabara. Não houve atentado contra o presidente João Goulart. Não houve quebra-quebra. Não mataram o Lacerda. Não acabaram com a propriedade privada. Que decepção!!!!” (*Correio do Paraná*, 15/03/64, p.3)

Todo o contexto de acirramento do discurso reformista por parte do Governo Goulart e de segmentos sociais motivados por tal bandeira, incendiou os outros segmentos mais conservadores ou liberais da sociedade brasileira. Como oposição ao comício reformista, realizaram-se no Brasil manifestações anti-reformistas e “anticomunistas”.

A “Marcha com Deus pela Família e Liberdade” foi a que mais despertou atenção dos jornais e rendeu diversas representações, principalmente nos jornais anti-reformistas. O primeiro lugar em que ocorreu foi em São Paulo, no dia 18 de março de 1964; e depois disseminou-se por outras cidades brasileiras:

“Marcha da Família: 02/04 no Rio, 10/04 em Brasília” (*Correio do Paraná*, 24/03/64, p.4); “Repetem-se em vários pontos do país as manifestações cívico-religiosas” (*Diário do Paraná*, 25/03/64, p.2); “Santos: 100 mil pessoas na marcha da família com Deus” (*Correio do Paraná*, p.1); “Repúdio ao comunismo dia 02 em Londrina” (*Diário do Paraná*, 27/03/64, p.1); “Curitiba mostra hoje no Ato de fé sua crença no Deus de todos os povos” (*Diário do Paraná*, 29/03/64, p.1)

O *Diário do Paraná* trouxe na segunda página: “Paulistas dizem não ao comunismo: um milhão na gigantesca manifestação” (*Diário do Paraná*, 21/03/64, p.2). No jornal *Correio do Paraná* a manchete para esta marcha era: “São Paulo compareceu à passeata feminina contra o comunismo” (*Correio do Paraná*, 19/03/64, p.1). Segundo o jornal, nela houve uma “multidão jamais vista”, em

“completa ordem”, onde foram entoados “refrões e louvores à democracia e palavras de repúdio às lideranças esquerdistas, exigindo punições para os elementos considerados subversivos” (Idem).

A marcha, que havia sido feita para pedir “proteção de Deus contra o espectro comunista que ameaçava o Brasil”, mostrou-se influenciada por tendências espiritualizantes, de cunho autoritário, como o próprio integrismo católico. Isto pode ser observado através da mensagem oficial do evento:

“A falta de amor, de consciência, a disciplina e o egoísmo permitiram a infiltração comunista no Brasil. Reformas sim, nós as queremos, a começar pela reforma de nossa atitude ante a ameaça comunista” (Ibidem).

O *Última Hora* não preocupou-se em noticiar as “marchas” ocorridas no país. Sobre a ocorrida em Curitiba limitou-se a citar que “20 mil pessoas estiveram no ato de fé onde reuniram-se religiões em uma única oração “(*Última Hora*, 30/03/64, p.1 e p.2). No entanto, um de seus editoriais, nominado “Querem transformar Deus no escudo dos privilegiados”, mostrou parte de seu posicionamento frente a manifestação anti-reformista e colocou-se fértil em representações.

As marchas colocavam-se como “exploração dos sentimentos religiosos do povo” (*Última Hora*, 26/03/64, p.3). Seus organizadores eram “monstros que procura(va)m dividir a pátria entre os que crêem e os que não” (Idem). Além disso, “convoca(va)m o povo a rezar por um Deus que não está(va) ameaçado e por esses criminosos que quer(ia)m transformar Deus num escudo dos seus privilégios, numa trincheira contra as reivindicações populares” (Ibidem).

Para o *Última Hora*, os cristãos e católicos que se colocavam contra as reformas sociais não eram cristãos, mas “inocentes úteis a serviço da oligarquia econômica” (*Última Hora*, 20/03/64, p.4) que viviam “das meias verdades e das deturpações dos fatos diariamente promovidos pelos grandes jornais a serviço da reação” (Idem).

O jornal retratou o dia 13, data do comício, como marco a partir do qual se acentuou o pânico e o medo nestes segmentos. Desta maneira, *Última Hora* afirmava que o que se observava no país nos dias que se seguiam era a “reação do medo”:

“É(ra) a última e desesperada tentativa de garantir os feudos e os trustes. É(ra) a batalha final, são(eram) os últimos ‘dispositivos de emergência’ (entre os quais a tentativa de ‘impeachment’ e o golpe) postos em prática pelos ‘contemplados’ ” (Ibidem).

3.3 As representações do Golpe Militar de 1.º de Abril.

Tanto os dias anteriores ao Golpe Militar de 1.º de Abril, quanto os que se seguiram, colocaram-se como espaços privilegiados de representações. Notificações de “boatos de golpe” podem ser encontradas tanto nos jornais reformistas, quando nos opositores ao Governo Goulart.

Nos reformistas, como o jornal *Última Hora*, era a “direita reacionária” que encontrava-se articulando-se:

“Jango enfrenta golpistas: não teme novo agosto de 61” (*Última Hora*, 26/03/64, p.3); “Oposição arma golpe do ‘impeachment’ ” (*Última Hora*, 27/03/64, p.4); “Adhemar e Heck na chefia do golpe contra o Governo” (*Última Hora*, 30/03/64, p.3); “Oposição arma golpe final contra o Governo de Jango” (*Última Hora*, 31/03/64, p.3).

Já nos opositores do Governo Goulart, como o *Diário do Paraná*, a “comunização” do país estava em marcha e necessitava da “reação democrática”:

“João Vargas denuncia: proclamada a República Sindicalista no Brasil” (*Diário do Paraná*, 21/03/64, p.3); “Povo nas ruas contra comunização do ensino” (*Diário do Paraná*, 25/03/64, p.1); “Adhemar e Meneghetti¹⁶³ acertam ponteiros na defesa da democracia” (Idem, p.2); “Resistência democrática conta no Rio Grande do Sul com um de seus mais destacados redutos” (*Diário do Paraná*, 29/03/64, p.2); “Movimento de reação à comunização do país” (*Diário do Paraná*, 01/04/64, p.1); “Auro clama reunião contra o comunismo e diz que Brasília é trincheira” (Idem, p.3)

O jornal *Correio do Paraná*, até o dia do golpe fez circular tanto representações neutras sobre o Governo Goulart e as reformas, quanto anticomunistas. Notícias sobre as “Marchas da Família” visando “salvaguardar a democracia” (*Correio do Paraná*, 24-31/03/64), a “Passeata contra a encampação de colégios ” protestando contra a comunização do ensino (*Correio do Paraná*, 24-

25/03/64) e de segmentos da sociedade contrários às “idéias subversivas” e à “reação comunista” foram recorrentes nos últimos dias do mês de março¹⁶⁴.

Por outro lado, no dia 31 de março, reproduziu, quase na íntegra, sem comentários, o discurso de Goulart, transmitido pela Agência Nacional para todo o país, realizado no Automóvel Clube do Brasil, na Guanabara, na assembléia dos sargentos e suboficiais da Polícia Militar do Rio de Janeiro. Este pronunciamento pontuava que as “forças reacionárias” não desviariam “o Brasil de seu destino democrático”, e que não existia sentimento mais “cristão, democrático, do que lutar por melhores dias para o povo e condenar estruturas velhas que não mais atend(i)am aos anseios das populações nacionais” (*Correio do Paraná*, 31/03/64, p.3). Além disso, o jornal comentou que Goulart utilizou-se das palavras de Dom Helder Câmara¹⁶⁵, que havia assinalado que todos falavam em reformas, mas aqueles que ousavam realizá-las passavam a ser chamados de “comunistas” (Idem).

A partir do dia primeiro de abril a ambiguidade do jornal *Correio do Paraná* desapareceu, em grande medida, cedendo espaço à homogeneização de representações favoráveis ao “Exército da Liberdade” e à “descomunização do Brasil”. Sua condição de imprensa local, retransmissora de boatos, reafirmou-se na união tácita dos segmentos conservadores ou liberais com as Forças Armadas, passando a enaltecer, junto destes, a “Revolução”.

O jornal declarou, no dia primeiro de abril, que os EUA declaravam Goulart tolerante com a “expansão do Comunismo no país” (*Correio do Paraná*, 01/04/64, p.1). Assim, com o exército e os democratas vencendo a revolução pelo retorno das liberdades (*Correio do Paraná*, 02/04/64, p.1) e o povo preferindo a “democracia”, Jango fugiu do país (*Correio do Paraná*, 03/04/64, p.1) refugiando-se no Uruguai, onde “estudantes comunistas” apoiavam-no (*Correio do Paraná*, idem, p.1).

O *Correio* retratou segmentos sociais em apoio à preservação democrática e contra a comunização do país: expedicionários e estudantes paranaenses (*Correio do Paraná*, 01/04/64, p.5; 02/04/64, p.4); deputados (*Correio do Paraná*, 02/04/64, p.1); gaúchos (*Correio do Paraná*, 03/04/64, p.1); operários democratas (Idem, p.4); e produtores paranaenses (*Correio do Paraná*, 04/04/64, p.1).

¹⁶³ Hildo Meneghetti era governador do Estado do Rio Grande do Sul no momento histórico analisado.

¹⁶⁴ O jornal *Correio do Paraná* não circulou nos dias 27 e 28 de março de 1964.

¹⁶⁵ Dom Helder Câmara era arcebispo de Olinda e Recife.

As reformas seriam feitas, segundo o jornal, pelas Forças Armadas, “com Deus e com liberdade” e com a união no lema “Ordem e Progresso” (*Correio do Paraná*, 01/04/64, p.5). Adhemar de Barros, integrante da “cadeia da democracia” recebeu voz no *Correio do Paraná* legitimando a “legalidade armada”, como caminho para a salvaguarda dos valores supremos de “civilização cristã”, do “patrimônio histórico, moral e espiritual brasileiro” das “garras do comunismo” (*Correio do Paraná*, 02/04/64, p.3). Para ele bastava de “bolchevização”, de “comunização dos estudantes e dos trabalhadores”, de “agitação”, de roubo do trabalho, das energias vitais do povo, da paz e da tranquilidade da companheira, filhos, irmãos e mães. (Idem.).

Entre os temas recorrentes no *Diário do Paraná* nas proximidades do golpe também estiveram as “Marchas” pela democracia e pelo ensino, denúncias de “manobras subversivas” relacionadas a “comunistas” e o levante de “forças democráticas” contra o golpe “comunista”. Para o *Diário do Paraná*, a “Nação” exigia que Jango tomasse uma decisão: optasse pela ordem ou pela cumplicidade com a baderna; por estar com a lei ou fora dela; enfim, pela democracia ou pelo comunismo (*Diário do Paraná*, 29/03/64, p.3).

No dia anterior ao golpe, 31 de março, o jornal já antecipava a “capitulação” de Goulart como sendo “final” e “fatal”, pois o Governo havia acumulado erros e marchava em “direção ao caos” (*Diário do Paraná*, 31/04/64, p.3). Assim, após um “movimento de reação contra a comunização do País” (*Diário do Paraná*, 01/04/64, p.1), o povo pode festejar “a vitória sobre o comunismo”. O jornal, em meio as aclamações às “forças democráticas”, retratava fotos da “revolução vitoriosa” (*Diário do Paraná*, 04/04/64, p.5), e, através do editorial de Assis Chateaubriand, entregava “todo poder ao glorioso Exército do Brasil” (*Diário do Paraná*, 05/04/64, p.2). Não haveria mais “República continuísta, popular, peleguista ou cunhadocracia” (*Diário do Paraná*, 05/04/64, p.2). O “Governo Patológico” havia chegado ao fim (Idem), e reinava, após a “vitória final da democracia”, a “calma e a ordem em todo o Brasil” (*Diário do Paraná*, 04/04/64, p.3).

O jornal anunciava “expurgos total ao comunismo”, com prisões em massa dos “comunistas” (*Diário do Paraná*, 04/04/64, p.1). Eram as “desratizações”, “operações de limpeza”, “caça aos comunistas”, que começavam a ser feitas (*Diário do Paraná*, 05/04/64, p.1 e 2). Assim todos eram:

“chamados a não consentir que se perca na desordem moral e mental brasileira o movimento cívico mais fulgurante que até agora se lançou no nosso país....A consolidação da estabilidade brasileira seria uma Cuba marxista-leniniana, a puxar uma parte da América ibérica para o campo socialista” (*Diário do Paraná*, 07/04/64, p.1).

O *Diário do Paraná* fez circular um manifesto do Partido de Representação Popular (PRP), parabenizando a vitória das “forças democráticas”. Neste manifesto, foram representados alguns dos grupos e personalidades políticas os quais encontravam-se citados como colaboradores da “Revolução Democrática”. O PRP enalteceu:

“Ao Exército Nacional e suas históricas e gloriosas tradições de amor a Pátria; aos governadores Ney Braga, Adhemar de Barros, Carlos Lacerda, Magalhães Pinto, Hildo Meneghetti, Mauro Borges, Celso Ramos¹⁶⁶ e outras autoridades civis, que decidiram com energia e determinação; aos partidos políticos, que alertaram no Congresso às Forças Armadas contra a comunização; às lideranças estudantis, operárias e camponesas que não se deixaram envolver com as manobras insidiosas e enganadoras; às associações religiosas que repudiaram vassalagem ao ateísmo que estava em marcha; aos grupos patrióticos; às mulheres brasileiras, heróinas defensoras da família e da Nação com os olhos voltados para Deus, exemplo para os homens; a todas as forças vivas do povo, o Partido de Representação Popular manifesta(va) o sacrossanto e cívico júbilo de ver o país libertado da escravidão que vinha já estendendo as mãos sangrentas da opressão para estrangular as liberdades e aniquilar a consciência nacional. (*Diário do Paraná*, 04/04/64, p.4, c.2).

O jornal *Última Hora*, como já foi apontado, trouxe retratados as dimensões das possibilidades de uma “manobra golpista conta o Governo”, onde a própria UDN foi acusada de pregar a “derrubada do presidente” (*Última Hora*, 25/03/64, p.4). Mesmo com as forças anti-reformistas colocando-se como mais expressivas e ameaçadoras, as representações do presidente, que o jornal faz circular, retratam-no com a força de um grande líder: “Jango enfrenta golpistas: não teme novo agosto de 61” (*Última Hora*, 26/03/64, p.3); “Linha dura de João Goulart adia alteração dos ministérios” (Idem); “Jango dominou a crise (da Marinha) com pulso de ferro” (*Última Hora*, 28/03/64, p.1).

¹⁶⁶ Governadores, respectivamente, dos Estados: Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Santa Catarina.

Segundo o jornal o comício do dia 13 deixou o Brasil na “ordem do dia” entre os assuntos da imprensa estrangeira. “De um lado levanta(va)-se côro internacional da sociedade por quotas da reação. Do outro alinham(vam)-se os jornais considerados ‘ponderados’, e ponderáveis” - o jornal se colocava dentro destes (*Última Hora*, 26/3/64, p.6). Entre os jornais estrangeiros da “reação”, em meio a uma ofensiva desencadeada em grande escala contra o presidente Goulart, “Comunista” tinha sido uma das mais leves nomações. Além disso, o jornal citou que todos os que se utilizavam da sigla AC (Anticomunista) “teceram largos comentários dizendo que a ‘reforma agrária era injusta e caprichosa’ ” (Idem.).

Citando alguns jornais¹⁶⁷, os quais lhes pareceu analisar com “objetividade” o governo reformista de Goulart, o jornal *Última Hora* deixava transparente seu posicionamento reformista. Nas análises destes jornais, eles não escondiam suas simpatias com relação às reformas de Goulart. Para eles o Brasil poderia “concretizar as reformas de base e modificar suas estruturas sem efusão de sangue e pondo de lado os extremistas fascistas” (Ibidem.).

O jornal colocava como marco desencadeante do acirramento das manifestações anti-reformistas o “Comício do dia 13”. O “terrorismo ideológico” tinha “por objetivo amortecer as áreas de centro para que não cri(ass)em obstáculo ao golpe”. Além disso,

“o espantinho comunista foi insuflado ao máximo para diluir resistência dos que normalmente não aceitariam soluções extralegais, mas que temem, por igual, a revolução pela esquerda. Os últimos atos do presidente, sua tentativa de compor um esquema de sustentação política sobre as diversas faixas das forças populares, foram o cenário ideal para a ‘mise-en-scene’ golpista.” (*Última Hora*, 30/3/64. p.4)

No dia primeiro de abril, o jornal *Última Hora* retratou a “crise nacional sem demonstrar muita clareza da situação. Limitou-se a apontar alguns aspectos da “sublevação em Minas” que exigia a renúncia de Jango , e alguns casos de apoio ao Governo.

Entre os dias 02 e 09 de abril *Última Hora* não circulou. Quando voltou a partir do dia 10, passou a notificar os eventos que se seguiram ao golpe, entretanto sem

¹⁶⁷ Entre eles: ‘Le Monde’, de Paris, jornal de direção católica, The Times, de Londres, jornal de direção pragmática e liberal, ‘Borba’, de Belgrado, jornal de direção não-alinhada, ‘Diário de Lisboa’, jornal de direção conservadora.

enaltecer o Exército, ou os grupos que apoiaram-no na derrubada do Governo Goulart. Além disso, fazia circular as informações sobre as listas de cassações de direitos políticos, as prisões de líderes reformistas, mas sem demonstrar-se contrário ao novo governo instalado no poder. Entre suas pautas era recorrente a crítica aos “fascistas”, os grupos que considerava “direita reacionária” ou “extrema direita”, tendo como pedido explícito em seus editoriais que “a desculpa da erradicação do comunismo” não servisse de “cínica cobertura para a manobra fascista” (*Última Hora*, 15/04/64, p.3).

Para o jornal a palavra ‘revolução’ estava sendo usada demasiadamente nos dias que se seguiam. Ela não podia “ser justificativa para o arbítrio continuado” (*Última Hora*, 16/04/64, p.4), e utilizando-se do clima instalado pelo governo militar aproveitava-se para questionar os caminhos políticos:

“Teme-se a hora presente; teme-se o dia de amanhã. Por que o governo não se decide a terminar com as perseguições, para enfrentar, com sensatez e patriotismo, os problemas que vão sendo agravados por pronunciamentos inoportunos e pelas medidas arbitrárias da própria máquina governamental? (*Última Hora*, 17/04/64, p.5)

Os jornais de maior influência, entendidos como formadores de opinião, pertenciam em grande parte a grupos conservadores ou liberais. Desta forma, as representações anti-reformistas/anticomunistas, envolvendo o Governo Goulart e o contexto brasileiro da primeira metade da década de 60, foram bastante impactantes em vários grupos da sociedade brasileira.

Pode-se dizer que, em grande medida, o embate de representações na imprensa, colaborou para preparar o Golpe Militar de 1.º de abril de 1964. Mesmo circulando representações favoráveis às reformas e contrárias aos opositores do Governo Goulart, como as do jornal *Última Hora*, as representações anti-reformistas, como as dos jornais *Diário do Paraná* e *Correio do Paraná*, tiveram maior apelo emocional entre várias camadas da população.

Assim, desde elite dirigente, classe média e segmentos trabalhadores, possuindo um imaginário rico em representações anticomunistas, aderiram ao discurso e a luta anti-reformista contra o Governo Goulart. Como “meio de salvaguardar “Deus, a família, a liberdade e a propriedade” das “garras do

comunismo”, engrossaram as fileiras das “forças democráticas” e aceitaram o golpe militar de 1964.

Em meio ao fim da ambiguidade do jornal *Correio do Paraná*, uma pequena nota, na coluna “Nos bastidores”, serve como exemplo do contexto brasileiro em pleno golpe. Além disso, mesmo com sua indefinição quanto ao que propõe ser “a favor do povo”, coloca-se como uma representação bastante interessante a cerca das informações contidas na imprensa no período analisado:

“Estamos na dança dos boatos. Mortes e ressurreições. Governos que caem e que sobem. Tropas que aderem e desaderem. A mesma notícia aparece com um, dois ou três sentidos. As quentes, geralmente aparecem sem sentido algum ou simplesmente desaparecem. Cumpre- nos alertar o povo. Não acreditem nos boatos. Se quiserem acreditar, pelo menos acreditem naqueles que forem a favor do povo” (*Correio do Paraná*, 02/04/64, p.3).

CONCLUSÃO

Através das representações encontradas nos jornais *Diário do Paraná*, *Correio do Paraná* e *Última Hora* pode-se refletir sobre a relação anticomunismo/imprensa/Governo Goulart e como o embate de representações na imprensa colaborou para preparar o golpe militar de 1964. Tal relação pode ser compreendida na medida em que se evidencia a recorrência do anti-reformismo, em segmentos representativos da sociedade brasileira na década de 60.

Tanto o Governo Goulart, quanto alguns grupos em evidência ao seu redor, possuíam um forte discurso nacional-reformista. Este discurso passou a representar, para segmentos mais conservadores ou liberais, ruptura com a estrutura social e seus valores considerados mantenedores. Assim, o reformismo, tendo sido colocado paralelo ao mal do comunismo, passou a ser combatido, entre outras ideologias, pelo anticomunismo. Por trás do anticomunismo da primeira metade da década de 60 encontrou-se, em grande medida, o anti-reformismo.

O combate ao reformismo, e aos grupos considerados de esquerda ao redor do Governo, também se compreende como repercussão do contexto internacional. Os embates entre EUA e URSS, disseminando o clima da Guerra Fria, exigiram posicionamentos. No Brasil, área de grande influência americana comercial ou ideológica, colocou-se, quase como imperativo, para os segmentos dirigentes da sociedade, o discurso favorável aos EUA. Da mesma maneira, o combate ao comunismo, ou ao que este representava, foi inquestionável em várias camadas da população.

Partindo deste contexto, o liberalismo realizou uma união tática com o conservadorismo católico brasileiro contra o “comunismo”. Sua luta visava a manutenção de valores como “Deus, Família, Pátria, Liberdade e Propriedade”, que pareciam ameaçados em meio ao discurso “reformista”, também representado como sendo “comunista”.

A imprensa colocou-se como um espaço privilegiado para o embate entre reformistas e anti-reformistas, ou anticomunistas. As formas de retratar o contexto internacional e brasileiro, o Governo Goulart, os grupos reformistas, encontraram-se

em distintas representações elaboradas de acordo com a linhagem político-ideológica de cada jornal.

Entre os jornais de maior circulação, e assim, formadores de opinião, encontravam-se os de cunho conservador ou liberal, devido a seus grupos de influência. Estes colocavam-se, em grande medida, como difusores de representações contrárias ao Governo Goulart e ao discurso nacional-reformista. Contendo forte potencial imagético e alcançado mais facilmente o imaginário social, devido à sua grande carga emocional, as representações anti-reformistas/anticomunistas colaboraram para preparar o golpe militar que se seguiu.

Os três jornais curitibanos analisados, *Correio do Paraná*, *Diário do Paraná* e *Última Hora*, demonstraram formas recorrentes e diferenciadas de representação do comunismo. Em todos, pôde-se perceber a impossibilidade de representações favoráveis a ele. Este, apareceu, na maioria das vezes, como uma ameaça à estrutura social e seus valores.

Outro ponto de semelhança entre os jornais, foi o trabalho com imagens envolvendo os conflitos entre os Blocos Capitalista/EUA e Comunista/URSS. No *Última Hora* as imagens evidenciaram-se através das manchetes e notas sobre a “Guerra Atômica”. Os outros dois jornais, *Correio do Paraná* e *Diário do Paraná*, recorreram a imagens mais fortes e negativas sobre os considerados “comunistas”: “crise agrária na URSS”, “fome na China”, “infiltração vermelha no Laos”, “casal foge da cortina de ferro (ou de aço)”, “muro da vergonha”, “paredão cubano”, “eliminação de funcionários ineficazes”, “brutalidade comunista”, etc.

Na questão política brasileira encontrou-se a grande diferença nas representações do comunismo nos jornais analisados. Se os três concordaram com “a preservação das instituições democráticas contra qualquer forma de regime de exceção”, não ocorreu o mesmo com relação a apreensão do que estivesse contido sob a democracia e as ações dos integrantes da sociedade.

No jornal *Última Hora* as questões relacionadas às reformas de base, aos movimentos estudantil, operário, camponês e aos problemas sociais da sociedade foram colocadas como necessidades democráticas, ou para que esta tivesse continuidade. Neste jornal a questão do comunismo, ou da luta contra este, não recebeu tanta relevância. O contrário aconteceu com a luta contra o anticomunismo e a atitude “reacionária da direita”. Esta apareceu denunciada durante todo o Governo Goulart através de acusações ao “Movimento Anticomunista”, ao “IBAD”, a

“Carlos Lacerda”, a “Adhemar de Barros”, ao “O Estadão”, às “gangs terroristas”, etc.

Já no jornal *Correio do Paraná* a reforma agrária surgiu como “socializante”; os movimentos dos setores da sociedade como “extremistas”, “esquerdas negativas”, “agitação organizada”, “sindicalismo revolucionário”, etc. A necessidade do combate ao “comunismo” para a manutenção do regime democrático, principalmente relacionado aos grupos considerados de esquerda ao redor de João Goulart, colocou-se nas entrelinhas de grande parte dos editoriais deste jornal. Como exemplo pode-se citar: “programa comunista no PTB”, “propósitos golpistas de João Goulart”, “propaganda comunista”, “sargentos e República Popular Socialista (República Melancia: verde-amarela por fora e vermelha por dentro)”, etc.

No *Diário do Paraná* o anticomunismo encontrou-se de forma explícita e agressiva. Através, principalmente do governador da Guanabara Carlos Lacerda, o golpe de Jango, com ligações comunistas, encontrou-se para efetivar-se a qualquer momento. Seus editoriais foram marcadamente anticomunistas, entregando, de forma direta, ao Governo Goulart e aos grupos sociais manifestantes na sociedade, representações anticomunistas. Estes apareceram imersos em termos como: “trama subversiva”, “comuno-peleguismo”, “movimento revolucionário comuno-petebista”, “róseos socialistas”, “verde-amarelo rubros”, “comuno-nacionalistas”, etc.

A ambiguidade entre representações favoráveis e contrárias ao Governo Goulart foi recorrente no jornal *Correio do Paraná*. Para isto, deve haver influenciado o fato do jornal ter sido imprensa local, não pertencendo a nenhuma cadeia nacional de informação. Desta maneira, o jornal demonstrou ser mais um retransmissor de representações e boatos anticomunistas que um gerador destes, como colocou-se o jornal *Diário do Paraná* a partir, principalmente, de seus editoriais.

A construção imaginária do comunismo como o “mal”, um “inimigo” que se sublevava contra os princípios considerados “naturais” e “inquestionáveis” da sociedade (Deus, Pátria, Família e Propriedade), encontrou-se evidenciada nos jornais *Diário do Paraná* e *Correio do Paraná*. Tais representações foram atreladas ao Governo Goulart e à atitude nacional-reformista da época e acabaram por favorecer a legitimação e a aceitação do Golpe Militar de 64 por setores da sociedade brasileira, como a elite conservadora e segmentos das classes média e trabalhadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, Jorge. **O cavaleiro da esperança**. 20 ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1979.
- BANDEIRA, Moniz. **O governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil (1961-64)**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- BENEVIDES, Maria Vitoria de Mesquita. **A UDN e o udenismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- BOBBIO, Norberti (ed.). **Dicionário de Política**. 11. ed. Brasília: Ed. UnB, 1998.
- BOTAS, Paulo Cezar Loureiro. **A Bênção de Abril: “Brasil Urgente”, memória e engajamento católico no Brasil 1963-64**. Petrópolis: Vozes, 1983.
- BRUNETTI, Marcelo Correia. **A imprensa e o movimento de 64**. Monografia. Curitiba, UFPR, 1985.
- CAPELATO, Maria Helena R. **Os arautos do liberalismo: imprensa paulista 1920-1945**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo, Contexto, 1988.
- _____. 'O controle da opinião e os limites da liberdade: Imprensa Paulista (1920-1945)'. In: Revisita Brasileira de História. v.12. n.23/24. São Paulo: Marco Zero, set.91/ago.92.
- CARONE, Edgar. **A quarta república (1945-64)**. São Paulo: Difel, 1980.
- CARVALHO, Nanci V. de. (Org.) **Trilogia do Terror. A implantação: 1964**. São Paulo: Vértice, 1988.
- CHAUI, Marilena; FRANCO, Maria Sylvia C. **Ideologia e mobilização popular**. 2 ed. Rio de Janeiro Paz e Terra, 1985.
- DIAS, Luiz Antonio. 'O poder da Imprensa e a Imprensa do Poder: a Folha de São Paulo no Golpe de 64'. IN: **Pós-História**. Assis-SP, 1994, p.247-49.
- DREIFUSS, René Armand. **1964: a conquista do estado; ação política, poder e golpe de classe**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981 .
- DUTRA, Eliana R. de Freitas. O fantasma do Outro: Espectros Totalitários na Cena Política Brasileira dos Anos 30. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo: Anpuh, v.12, n. 23/24, p.125-141, set.1991 - ago.1992.

- FIGUEIREDO, Argelina C. **Democracia ou reformas? alternativas democráticas à crise política: 1961-1964.** São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- GARCIA, Nelson Jahr. **O que é Propaganda Ideológica.** São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985.
- HOBBSAWN, E. **Era dos extremos, o breve século XX (1914-1991).** 2.ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- IANNI, Octávio. **O colapso do populismo no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- LINHARES, Maria Yedda. **História Geral do Brasil.** 5.ºed. Rio de Janeiro: Campos, 1990.
- MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989).**São Paulo: Unicamp, 1998.
- MORAES, Dênis de. **O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-53).** Rio de Janeiro: J. Olympio, 1994.
- PACHECO, Eliezer. **O partido comunista brasileiro (1922-1964).** São Paulo: Alfa-Omega, 1984.
- PANDOLFI, D. C. Os comunistas e o golpe. In: SOARES, G.A.D.; D'ARAUJO, M. C. (Org.). **21 anos do regime militar: balanços e perspectivas.** Rio de Janeiro: FGV, 1994.
- Revista Brasileira de História.** Política e Cultura. v.12. n.23/24. São Paulo: Marco Zero, set. 91/ago.92.
- _____ v.14. n.27. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- SOARES, G.; D'ARAUJO, M. C. (Org.). **21 anos do regime militar: balanços e perspectivas.** Rio de Janeiro: FGV, 1994.
- VASCONCELLOS, Alberto. **Ideologia curupira: análise do discurso integralista.** São Paulo: Brasiliense, 1979.
- VIANNA, Marly de Almeida G. **Revolucionários de 35: sonho e realidade.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- WOLFE, Joel. 'Pai dos pobres' e 'Mãe dos ricos'? Getúlio Vargas, industriários e construções de classe, sexo e populismo em São Paulo, 1930-1954'. In: **Revista Brasileira de História.** v.14. n.24. São Paulo: Marco Zero, 1994.